



Futebol: mística, identidade e comércio

Leia nesta edição

Editorial **pg. 2**

Tema de capa

Entrevistas

Reinaldo Olécio Aguiar: Esporte, magia e religião **pg. 3**

Arlei Sander Damo: Um campo de guerra **pg. 7**

Roberto DaMatta: Ritual, drama e jogo **pg. 10**

Edison Luis Gastaldo: Negros jogam, brancos assistem **pg. 12**

Simoni Lahud Guedes: Futebol e sentimento de nacionalidade **pg. 17**

Rogério Delanhesi: Paixão que une colorados e gremistas **pg. 19**

Destaques da semana

Entrevistas da Semana:

Gilles Lipovetsky: O hedonismo fraturado **pg. 23**

Luiz Eduardo Cheida: Araucária: um referencial histórico e geográfico **pg. 28**

Artigo da Semana:

Cristovam Buarque: Paixão nacional **pg. 30**

Deu nos jornais:

pg. 32

Frases da Semana:

pg. 34

Destaques On-Line:

pg. 36

Editorial

O futebol, longamente desprezado pela pesquisa, vai se tornando um apaixonado objeto de estudo para diferentes áreas do saber. Do *dribling game* dos colégios britânicos da metade do século XIX até a grande celebração da Copa do Mundo, o futebol, por sua simplicidade, se universalizou a tal ponto, como constata a última edição da revista francesa *Autrement*, que a FIFA conta com mais membros que a ONU. Saído da burguesia, o futebol perpassa todas as classes sociais graças a seus valores coletivos. Espelho de uma nação, de uma cidade, de um bairro, ele revela a identidade, a alteridade e os estereótipos que lhe são associados. Movido pela mística ele é, cada vez mais, submetido às leis do mercado.

No caso brasileiro, a seleção de futebol é o “símbolo laico da nação”, constata Arlei Sander Demo, antropólogo, professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS - na entrevista publicada nesta edição.

“Hoje, provavelmente, o futebol, e a Copa do Mundo em particular, são os rituais que têm maior probabilidade, maior eficácia na construção de identidades nacionais”, afirma a antropóloga Simoni Lahud Guedes.

A professora da Universidade Federal Fluminense, juntamente com o sociólogo Reinaldo Olecio Aguiar, professor da UFSCar, e o antropólogo Roberto DaMatta, professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos, Edison Luis Gastaldo, analisam o futebol sob olhares diferentes e complementares.

Além de futebol, nesta semana serão exibidos e debatidos três filmes: *Cinema, aspirinas e urubus*, de Marcelo Gomes, *Jânio a 24 Quadros*, de Luiz Alberto Pereira e *A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord. No evento em que será exibido o último filme, será também realizado o pré-lançamento do livro *As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor*, de Anselm Jappe.

A todas e todos uma vibrante semana, um bom feriado e uma excelente leitura!

Esporte, magia e religião

Entrevista com Reinaldo Olecio Aguiar



“Já encontrei em centenas de vestiários um altar em um canto, com vários santos e afins, tanto em grandes estádios quanto em campos de várzea”, é o que nos conta o professor Reinaldo Olecio Aguiar.

Aguiar é Doutor em Ciências Sociais e Religião pela Universidade Metodista de São Paulo; membro do GEP (Modelos terapêuticos, políticas de saúde, práticas corporais e a investigação antropológica), grupo de pesquisa da UFSCar. Sua tese de doutorado ***Religião e esportes: os atletas religiosos e a religião dos atletas*** aborda os aspectos religiosos que envolvem, entre outros esportes, o futebol.

Atualmente está fazendo o pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, pesquisando as manifestações mágico-religiosas dos torcedores de futebol em comparação com os torcedores do vôlei e do basquete. A entrevista a seguir foi concedida por e-mail à ***IHU On-Line***

IHU On-Line - O que podemos dizer sobre os atletas religiosos e a religião dos atletas em tempos de Copa do Mundo?

Reinaldo Aguiar - É preciso fazer uma distinção, de início, entre os atletas religiosos como os Atletas de Cristo (ADC), que se organizam em uma associação voluntária, e os outros atletas, que também possuem sua religião, geralmente herdada da família, mas que não expressam essa pertença publicamente. No caso da seleção brasileira, são seis os jogadores que pertencem aos ADC: Dida, Lúcio, Zé Roberto, Gilberto, Mineiro e Kaká, além do cortado Edmilson. Desses, Kaká é o que mais expressa sua fé, como quando tirou a camisa da seleção após a final de 2002 e mostrou outra com a frase *I belong to Jesus*. Os outros atletas, talvez por falta de costume ou por não sentirem essa necessidade, são mais contidos quanto à própria religiosidade. Para os ADC, como a Copa é um evento de extraordinária exposição, transmitido para o mundo inteiro, é

também uma oportunidade de colocar em prática o ensinamento principal que recebem da religião: a proclamação de sua fé, com objetivo proselitista, ou seja, com a intenção de converter outros à mesma religião. É claro que vencer a Copa dá mais força a esse discurso, uma vez que “Deus está do lado de quem vence”. Aliás, a explicação dos ADC para a vitória na Copa é entendida como “bênção de Deus”. Não acredito que outros atletas, independente da religião a que pertençam, entendam a Copa desta forma; talvez com exceção do Irã que, se entende desta forma, não a expressa por sua total falta de condições de vencer a competição. Isso seria uma propaganda negativa de sua fé.

IHU On-Line - Durante a copa, tanto jogadores quanto locutores, apresentadores e torcida invocam Deus de muitas formas e com muitos gestos. Como podemos analisar esse encontro de

religiosidade e futebol que acontece a cada quatro anos?

Reinaldo Olecio Aguiar - De fato, essa mescla de religião e futebol acontece entre os profissionais do esporte, mas também entre os amadores. Já encontrei em centenas de vestiários um altar em um canto, com vários santos e afins, tanto em grandes estádios quanto em campos de várzea. É claro que os atletas profissionais sabem que a técnica, o preparo físico e os treinamentos não podem ser substituídos pela oração, pela prece ou pelo “trabalho”, mas todos possuem e realizam seus rituais para cada partida. Há, porém, uma diferença entre a maioria dos jogadores profissionais e os locutores/torcedores: o torcedor quer a vitória e age como se pudesse influenciar no rumo da partida com seus atos simbólicos. Usa a mesma camisa da Copa anterior, senta no mesmo lugar na poltrona, fica de costas quando há um pênalti contra a seleção, etc. Entendo que há uma *eficácia presumida* nesses seus gestos, sem a qual ele não os repetiria. A eficácia é presumida porque, mesmo quando não se concretiza o desejo, seu gesto simbólico teve importância por supostamente ter funcionado antes e será revisitado na próxima partida. É verdade que já houve, e deve haver ainda, jogadores com hábitos mágicos semelhantes aos do torcedor, como Michael Jordan, astro do basquete que usava a mesma sunga em todos os jogos. Isso, contudo, é mais comum entre os torcedores. Já os locutores são um caso à parte. Supostamente devem narrar os jogos e deixar os comentários para seus colegas, os comentaristas, entretanto, com frequência, invadem o espaço que não lhes pertence. De fato, são torcedores travestidos de locutores e, por isso, também adotam seus atos simbólicos de eficácia presumida. Só não vemos essas ações simbólicas via satélite porque a transmissão privilegia a partida em vez dos locutores e, na frente das câmeras, todos os que trabalham na imprensa precisam ser

racionais e analíticos. Fora do ar, as coisas são bem diferentes.

IHU On-Line - O Brasil seria o mais religioso dos times da copa? Que tipo de religiosidades podem se observar em outros times?

Reinaldo Olecio Aguiar - Essa é uma pergunta difícil de responder sem uma pesquisa mais detalhada. Uma seleção como a da Itália, por exemplo, pode ser considerada católica quanto ao senso comum, porém, em 1994, quando o Brasil venceu a Itália nos pênaltis, Roberto Baggio¹, que desperdiçou sua cobrança e deu o título ao Brasil, era budista. Esse fato motivou o diretor do ADC, Alex Dias Ribeiro², ex-piloto de Fórmula 1, a escrever um livro chamado *Quem venceu o Tetra*, defendendo a idéia da supremacia da fé cristã dos ADC presentes na seleção brasileira sobre a fé budista de Baggio. Dessa forma, Alex criou uma interpretação religiosa para um fato esportivo. É claro que algumas seleções têm sua religião claramente identificada, como a do Irã, enquanto outras são difíceis de determinar, como a seleção norte-americana, por exemplo. Não creio, porém, que haja uma seleção mais religiosa que a outra. O que há é uma diversidade muito grande de opções religiosas, às vezes, na

¹ **Roberto Baggio** (1967), jogador de futebol italiano, em 1993 recebeu a Bola de Ouro da revista francesa France Football. Apesar de seu indiscutível talento para o futebol sua carreira ficou marcada pelo pênalti que perdeu na final da Copa do Mundo de 1994, permitindo que a seleção brasileira de futebol se tornasse a primeira equipe tetra-campeã naquela competição e ainda perdeu o prestígio de melhor jogador do mundo da FIFA, passando assim a premiação justamente para Romário, o atacante da seleção rival, que era o Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Alex Dias Ribeiro** (1948) é um ex-piloto brasileiro de Fórmula 1. Disputou 10 GPs, obtendo o 8º lugar como sua melhor colocação nos GPs da Alemanha e Canadá em 1977. (Nota da *IHU On-Line*)

mesma seleção. No caso da seleção brasileira ocorre o mesmo. Temos jogadores evangélicos, como os ADC, com certeza alguns são católicos, outros espíritas ou adeptos de religiões afro-brasileiras e mesmo sem religião. Portanto, o que é preciso notar, com clareza, é que essa diversidade é própria do mundo desencantado (no sentido weberiano do termo) e globalizado em que vivemos, e deve ser respeitada. Independente da opção religiosa de cada jogador, penso que seria uma temeridade esperar uma uniformidade religiosa e um verdadeiro retrocesso impor qualquer religião ao outro. Numa Copa, essa diversidade é ainda mais visível.

IHU On-Line - Que particularidades podem ser observadas na interseção entre esporte, negócio e religiosidade?

Reinaldo Olecio Aguiar - Cada área citada tem características próprias, mas na interseção entre elas o que ocorre é uma interpenetração de elementos das três partes. A observação de gestual mágico-religioso numa partida de futebol, tanto por parte dos atletas quanto dos torcedores denota isso. Ao mesmo tempo, seria improvável imaginar que um atleta religioso, que se entende como instrumento de conversão de seus semelhantes, aceitaria fazer propaganda de cigarro, por exemplo. Portanto, negócio, esporte e religião vão estabelecer alguns parâmetros para os atletas e profissionais envolvidos nesses campos, variando em intensidade na medida em que a pessoa envolvida valoriza mais um aspecto do que outro. Isso significa que pode haver diferentes posicionamentos diante da mesma situação por parte de pessoas com a mesma opção religiosa, ou seja, um atleta pode entender que sua fé não sofre qualquer diminuição por suas ações nos negócios, enquanto outro pode deixar de assinar um contrato por entender que não é a vontade divina. E

essa realidade, é preciso notar, não seria possível nas décadas de 1940 a 1960, sobretudo para os atletas provenientes de igrejas protestantes, que eram incentivados a abandonar o esporte.

Futebol e ética protestante

Ser protestante era romper com os hábitos anteriores e o esporte, entendido como uma atividade para quem não queria trabalhar devia ser evitado. A velha ética protestante ainda era forte o suficiente para direcionar as opções do novo convertido. Foi o caso de Maracá (João Batista Ribeiro Neto), que antes de sua conversão havia sido um famoso jogador do Fluminense Football Club e do Sport Club Corinthians Paulista, no início dos anos 1940. Quando ele se converteu ao protestantismo e decidiu entrar no Instituto Seminário Teológico de Londrina (ISBL), destruiu todas as fotografias e recortes de jornais que se referiam à sua brilhante carreira no futebol. Anos depois, já na década de 1960, como nos relatou um de seus companheiros de estudo no ISBL (José Ausberto Bressane), Maracá afirmava ter se arrependido desse ato. Em nossos dias isso não acontece mais. Seja porque o protestantismo mudou, diluindo-se em denominações eticamente menos exigentes, seja porque o esporte se tornou uma profissão respeitada e uma forma de ascensão social cada vez mais buscada. Eu diria que o negócio prevaleceu sobre a religiosidade.

IHU On-Line - Algum outro aspecto relacionado a sua pesquisa que gostaria de destacar?

Reinaldo Olecio Aguiar - Em minha tese de doutorado, pesquisei a religião dos atletas e os atletas religiosos, usando os ADC como estudo de caso. Atualmente, no pós-doutoramento, estou pesquisando as manifestações mágico-religiosas dos torcedores de futebol em comparação com os torcedores do vôlei e do basquete. Com

o auxílio da Fapesp, a pesquisa está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, dentro da linha de pesquisa *Produção Simbólica e Cultura*, e vinculada ao projeto *Das formas simbólicas e natureza social dos esportes coletivos: perspectiva comparada em antropologia do esporte*. Parto do pressuposto de que os torcedores que integram grupos mais militantes, seja no futebol, seja vôlei, seja no basquete no Brasil, notadamente os filiados às torcidas organizadas, acompanhando seus clubes de coração em partidas dentro e fora de seus domínios reproduzem evocações de práticas religiosas e mágicas no ato de torcer. Da adoção de cânticos padronizados aos rituais de violência “em defesa de suas cores e símbolos”, os torcedores apropriam-se de linguagens e gestuais considerados sagrados para contribuir magicamente para a vitória de suas agremiações. O apelo ao sagrado para a consecução da vitória é freqüente nas arquibancadas dos ginásios e estádios esportivos. E mesmo as coreografias, as variações de performances de rituais que unem os torcedores em um só grupo com o objetivo de apoiar o time, denotam uma visão um tanto quanto “mágica”, conferindo outras feições ao domínio competitivo e laicizado dos esportes. Com base na etnografia das práticas dos torcedores e para além da constatação mais difusa e jocosa do discurso de senso comum que alude a uma aproximação entre o sagrado e os esportes, procuro demonstrar, em minha pesquisa, em que medida há a interpenetração não-casual desses campos, ou seja, entre práticas mágico-religiosas e o esporte, evidenciando uma dimensão simbólica pouco explorada no estudo da sócio-antropologia comparada do esporte e da religião.

Esporte, magia e religião

Busco, com isso, superar a leitura de senso comum e a visão unilateral dos universos religioso e esportivo ao apresentar esta interpenetração, algo verificável, por exemplo, na sociabilidade e na própria evangelização de algumas denominações, tais como a “Renascer em Cristo”³, igreja neopentecostal, que procura ajustar elementos simbólicos da sociabilidade e estilo de vida juvenis ao proselitismo religioso, bem como na igreja “Bola de Neve”⁴, direcionada especificamente aos surfistas, o que revela como os universos sagrado e profano se comunicam e se entrelaçam em um tipo de “esportividade religiosa” peculiar. Portanto, minha pesquisa explica e interpreta esta “religiosidade esportiva” do torcedor, que se expressa na continuidade sustentável entre as manifestações do sagrado (magia e religião) e o universo esportivo tanto nas arquibancadas dos ginásios e estádios quanto nas igrejas Renascer em Cristo e Bola de Neve.

³ A **Igreja Apostólica Renascer em Cristo** é uma igreja evangélica fundada em São Paulo, nos anos 80, por Estevam Hernandes e Sônia Hernandes. Quanto à doutrina é neopentecostal. O adjetivo “Apostólica” vem da crença na existência de apóstolo como um cargo eclesiástico válido para os dias de hoje. Fundou o CIEAB, Confederação das Igrejas Evangélicas Apostólicas do Brasil, entidade que congrega as igrejas que aceitam essa doutrina. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ A **Igreja Bola de Neve** (ou **Bola de Neve Church**) é uma denominação evangélica pentecostal fundada pelo pastor, agora apóstolo, Rinaldo Luiz de Seixas Pereira (chamado de “pastor Rina”), conhecida pelo estilo inusitado de pregação. (Nota da *IHU On-Line*)

Um campo de guerra

Entrevista com Arlei Sander Damo

Copa do Mundo: uma guerra simulada? Sim, é o que pensa o professor da Universidade de Santa Cruz do Sul, Unisc, Arlei Sander Damo: “A copa é uma espécie de guerra simulada, em que os Estados-nações competem à base de pontapés e não de armas de fogo”.

Nesta entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, Arlei diz que a Copa do Mundo suscita questões que transcendem o futebol. “Trata-se de um momento singular, propício à comunicação entre a academia e o público mais amplo”.

Arlei Sander Damo é doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor no Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Santa Cruz do Sul. É autor de *Futebol e Identidade Social*

Porto Alegre: UFRGS, 2002 e co-autor de *Fútbol y Cultura*, Buenos Aires, Norma, 2001.

***IHU On-Line* - Qual a importância de discutir academicamente a Copa do Mundo?**

Arlei Sander Damo - Penso que as copas suscitam questões que transcendem o futebol. Trata-se de um momento singular, propício à comunicação entre a academia e o público mais amplo. Na medida em que existe, no presente, um campo de estudos em ciências sociais, voltado para as práticas e espetáculos esportivos, muitos preconceitos do passado acadêmico foram sepultados. As copas são eventos singulares para quem trabalha com temas relacionados à performance, à sociabilidade, à religiosidade, ao consumo, às identidades sociais, entre outros.

***IHU On-Line* - O que pode significar politicamente a transmissão da Copa do Mundo num ano eleitoral como 2006?**

Arlei Sander Damo - A Copa do Mundo é um evento que mobiliza os brasileiros, pois a seleção é um símbolo laico da nação. Enquanto a seleção estiver participando da copa, dificilmente outro assunto será

manchete. É o tempo da copa, do futebol, da seleção, das bolhas de um Ronaldinho, das nádegas do outro, enfim, é o tempo da nação. O tempo das eleições inicia com o fim da participação da seleção brasileira na copa, podendo ser encolhido, caso ela seja campeã, com as festas que seguem à recepção dos atletas – em solo brasileiro, nos Estados e depois nas suas cidades de origem. Havia um tempo em que se temia por esses excessos, sobretudo no período da ditadura ou mesmo quando FHC venceu as eleições em 1994, ano em que o Brasil venceu a copa dos EUA. Mas a seleção perdeu em 1998 e FHC se reelegeu e, quatro anos depois, Lula, então na oposição, venceu as eleições depois da seleção ter vencido a copa no Japão. A conclusão óbvia é que, em sociedades democráticas, é mais difícil manipular essas temporalidades, tão difícil quanto converter os dividendos futebolísticos em dividendos eleitorais. É certo, no entanto, que Lula será beneficiado com a vitória da seleção, se ela se confirmar, afinal ele construiu uma identificação orgânica ao longo do seu mandato, como exemplifica o episódio do jogo

amistoso no Haiti. Se a seleção perder, Lula provavelmente se reelegerá do mesmo modo, a menos que ocorra um fato político novo, de proporções improváveis. Enfim, a seleção não é do governo de Lula e tampouco da CBF. Também não é da Globo, da Nike, do Zagallo e nem mesmo do povo. A seleção é um símbolo, aberto às manipulações, desde que respeitados alguns critérios. O êxito depende das estratégias usadas nesses processos de vinculação, seja de pessoas (um político, um dirigente etc.) ou de mercadorias (uma chuteira, um bebida, um cartão de crédito, etc.).

IHU On-Line - Como se colocam as questões de identidade em época de Copa do Mundo?

Arlei Sander Damo - Recentemente foi lançado o livro *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006 - da antropóloga carioca Simoni Lahud Guedes e do publicitário Edison Luis Gastaldo - com a participação de vários antropólogos, no qual consta um capítulo meu tratando desse assunto. O argumento, de forma bastante resumida, é que a Fifa manipula, em proveito próprio e de seus parceiros comerciais, o simbolismo dos Estados-nações. Uma das evidências mais claras a respeito é o fato de que a Fifa exige que seja respeitado o critério de nacionalidade para o recrutamento de jogadores. Há jogadores nascidos no Brasil, jogando por outras seleções, mas eles são cidadãos daqueles Estados - como Marcos Senna, que joga pela Espanha, e Deco, cidadão português. Se a nacionalidade não fosse uma regra, é bem provável que a Arábia Saudita seria a campeã do mundo, usando seus petrodólares para recrutar Zidane, Ronaldinho Gaúcho e Beckham, por exemplo. Como a nacionalidade é um critério - e continuará sendo enquanto os exércitos recrutarem soldados entre os representantes da nação -, não se poderia esperar que uma seleção de

brasileiros representasse outra coisa senão o Brasil. Mas nunca é demais lembrar: quem entra em campo é um time de futebol recrutado pela CBF, uma entidade privada e, portanto, não-oficial, que não representa o Estado brasileiro. Assim, a copa é uma espécie de guerra simulada, onde os Estados-nações competem à base de pontapés e não de armas de fogo.

IHU On-Line - De que forma podemos entender o futebol espetáculo? O futebol arte cedeu lugar ao futebol espetáculo? Por quê?

Arlei Sander Damo - O futebol de espetáculo é diferente dos outros futebolis. É diferente das peladas, dos jogos de várzea e mesmo das aulas de educação física. O futebol de espetáculo pode ser tratado como uma modalidade de bem simbólico, circunscrito ao campo do lazer e do entretenimento. Sob este aspecto, ele deve ser visto como uma oferta destinada a encontrar uma demanda, tal qual ocorre com o teatro, o cinema, os shows musicais e outros eventos culturais. Não vejo contradição entre arte e espetáculo. Etimologicamente, a palavra espetáculo vem do latim, *spectaculum* ou *spectare*, e diz respeito àquilo que é digno de ser visto, apreciado, admirado etc. Existe um segmento futebolístico que tem público, então é espetáculo, não há outra possibilidade classificatória. Todavia, o público do futebol não é o mesmo que frequenta museus e vernissagens. O futebol de espetáculo é uma arte popular, afinal os performistas são recrutados entre os grupos populares e as performances voltadas para o consumo em larga escala.

IHU On-Line - Como o pertencimento clubístico dos brasileiros é superado em tempos de Copa? De que forma é possível entender o esmaecimento dessas diferenças a cada quatro anos?

Arlei Sander Damo - A paixão pelos

clubes tende a ceder espaço para a seleção em tempo de copa, mobilizando esta um público mais amplo do que aquele seduzido pelo clubismo, com a presença de mulheres, crianças e mesmo de homens que usualmente não gostam de futebol. Até pouco tempo, era freqüente os torcedores desejarem a convocação de atletas vinculados ao clube do coração, torcendo pela escalação e pelo bom desempenho deles na seleção. Como a tendência atual é o recrutamento de jogadores que atuam por clubes estrangeiros, esse tipo de vinculação esmoreceu. Há de outra parte, uma série de investimentos midiáticos que pretendem fazer ver e crer que é uma copa, não um campeonato brasileiro e, portanto, rivalidades clubísticas devam ser deixadas em segundo plano.

Grêmio e Inter são irmãos siameses

***IHU On-Line* - Quais são as características mais marcantes que descobriu entre a rivalidade Grêmio e Inter?**

Arlei Sander Damo - Do ponto de vista simbólico, Grêmio e Inter são irmãos siameses, ligados pelas costas. Se um anda para frente o outro se desloca para trás, a direita de um é a esquerda do outro, enfim, eles estão sempre juntos, mas fazendo coisas contrárias. É nessa dialética que reside à força do Gre-Nal, tal qual o Fla-Flu, o Bra-Pel e outras tantas rivalidades arquetípicas. Grêmio e Inter representam categorias sociais distintas no plano simbólico: o Grêmio associado à elite e aos brancos; o Inter aos populares e aos negros. Do ponto de vista sociológico, não existe esta diferenciação, pois as torcidas se distribuem equanimemente entre as classes sociais. Simbolicamente, no entanto, as distinções são fundamentais. É a força motriz da rivalidade, inclusive, uma incessante produção de mitologias acerca dessas diferenças.

A entrada dos negros no futebol de elite

***IHU On-Line* - De que forma e por que aconteceu a profissionalização do futebol?**

Arlei Sander Damo - A profissionalização é um processo complexo, que não pode ser sintetizado em tão curto espaço. Há, inclusive, uma extensa bibliografia a respeito, tratando das especificidades nacionais, regionais e locais. Duas coisas importantes podem, no entanto, ser adiantadas. Uma delas é que a profissionalização e a espetacularização são indissociáveis, ou seja, para que existissem profissionais do esporte foi preciso que se criasse um público disposto a pagar para ver suas exhibições, e isso não ocorreu da noite para o dia. Um segundo aspecto importante a ser destacado é que, na origem, os esportes modernos foram impulsionados por jovens pertencentes às classes altas. Paralelamente, os proletários forjaram suas equipes, com ligas próprias, em certas circunstâncias. A entrada dos negros no futebol de elite, por exemplo, foi precedida por um conflito intrincado entre defensores do amadorismo (conservadores) e do profissionalismo (reformistas). Desde que os negros foram aceitos, no entanto, os membros da elite abandonam progressivamente a prática do futebol, migrando para a gestão dos clubes, onde permanecem ainda hoje. Este processo explica por que os negros são tão bem sucedidos dentro de campo, mas não têm espaço nas diretorias dos clubes e mesmo na crônica esportiva. Para posições que se acredita ser necessária autoridade e capital intelectual os negros são alijados. Ao menos no Brasil, o futebol de espetáculo retraduz certos preconceitos vigentes no espectro mais amplo da sociedade, ao invés de diluí-los.

***IHU On-Line* - Olhando nas propagandas que fazem alusão à copa, parece que se explora muito o**

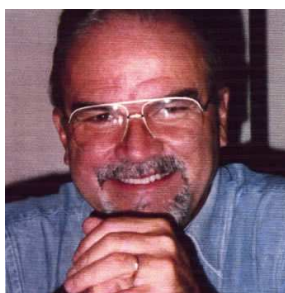
"nós" e os "outros", coincidindo os outros, muitas vezes, com os argentinos. Como é vista a alteridade em tempos de Copa do Mundo?

Arlei Sander Damo - A maneira como a publicidade trata da relação entre brasileiros e argentinos é ficcional e, como tal, tendenciosa. Ela não traduz, a meu ver, um consenso social, antes o cria. Há, efetivamente, uma luta entre clubes e seleções desses dois países pela hegemonia futebolística sul-americana, mas, fora desse plano, nossos "outros" são os portugueses, por quem fomos colonizados, e os norte-americanos, pois além deles terem sido mais bem sucedidos economicamente, em que

pese terem sido colonizados como nós, impõem-nos certos padrões de consumo – o ódio aos norte-americanos é particularmente intenso entre esquerdistas. Mas EUA e Portugal não são bons para rivalizar futebolisticamente; suas seleções são muito fracas comparadas à nossa. Bons são os argentinos, afinal eles nos vencem seguidamente. Quem vê o mundo pelos olhos da publicidade e da crônica esportiva pode ser induzido a crer que Brasil e Argentina já guerrearam em lados opostos, quando temos, no máximo, rugas comerciais. Trata-se, pois, de uma rivalidade calcada em estereótipos.

Ritual, drama e jogo

Entrevista com Roberto DaMatta



O antropólogo Roberto DaMatta é um dos principais estudiosos dos aspectos culturais da sociedade brasileira.

Desenvolveu suas pesquisas no Museu Nacional onde permaneceu até 1987. Durante esse período, chefiou o Departamento de Antropologia, foi coordenador da Pós-Graduação em Antropologia Social. Lecionou também, nessa

época, nas universidades de Berkeley (EUA) e Cambridge (Inglaterra), como professor visitante.

O mais recente livro de DaMatta, que o Notícias Diárias do sítio www.unisinos.br/ihu reproduziu no dia 5/6 uma entrevista, chama-se *A bola corre mais do que os homens*. Rio de Janeiro, Rocco, 2006. Também é autor, entre outros livros, *Tocquevilleanas: Crônicas e Observações sobre os Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005; *O que é o Brasil?*. Rio de Janeiro: Editora Rocco. Coleção Jovens Leitores, 2005 e do clássico *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

A entrevista a seguir foi concedida por e-mail à *IHU On-Line*.

IHU On-Line - Quais são os significados intrínsecos da denominação "país do futebol" e o peso disso na criação de uma identidade brasileira?

Roberto DaMatta - Um dos significados da expressão é decorrente do reconhecimento do Brasil como um país onde o futebol melhor se difundiu. O seu peso como um dado da identidade brasileira tem a ver com a descoberta de que podíamos ser bons — finalmente! — em alguma coisa que vinha de fora e que o mundo civilizado prezava. Não se tratava mais de samba, capoeira ou mestiçagem, mas de "football". Isso reverteu, como mostro nesse livro *A Bola Corre mais que os Homens*, a maneira trivial e sempre negativa de ler a nossa identidade.

IHU On-Line - Qual é a posição do locutor e do comentarista de futebol na construção dessa identidade nacional e de expectativas em relação à vitória?

Roberto DaMatta - Ele inventa categorias e ângulos pelos quais a partida é oficializada. Em outras palavras: torna-se um eventual produto histórico.

IHU On-Line - O futebol é uma das atividades mais relevantes na vida dos brasileiros. O senhor acredita que exista um modo de discutir o futebol? O futebol tem sido discutido academicamente?

Roberto DaMatta - O futebol tem sido discutido. Creio que ajudei modestamente a fazer isso, colocando-o no mapa do pensamento sociológico. Sérgio Miceli, professor da USP, fez isso na mesma época. Eu discuti o futebol como um ritual, um drama no qual pelo jogo se salientavam alguns aspectos da sociedade brasileira. Por exemplo, o jogo de cintura, a malandragem; a aversão pela força bruta; a luta do inferior (o Brasil) contra o superior (a Rússia, a Inglaterra). O

futebol serve também como um mecanismo simbólico de discussão do talento contra o esquema, do espontâneo contra o plano, do justo contra o injusto e das regras que devem valer para todos contra a "corrupção" dos endemoniados que tramam contra nós.

IHU On-Line - O senhor reitera algumas vezes em seus ensaios a idéia de que o futebol "proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social". Como isso é possível, afinal são poucos os meninos que chegam ao sucesso de Ronaldinho, por exemplo?

Roberto DaMatta - Mas não é exatamente isso que faz um Ronaldinho ser popular? Se todos os meninos tivessem as mesmas oportunidades em escolas exemplares e em bairros de classe média, teríamos uma outra concepção do craque, e ele certamente representaria outros valores.

IHU On-Line - O senhor diz que o futebol transforma o desejo bruto em força civilizada, poderia explicar essa transformação?

Roberto DaMatta - Todo ritual competitivo como o futebol (e o esporte em geral) faz isso. A realização se dá por meio de símbolos, de ações distantes e removidas das arenas onde os problemas mais complicados se desenrolam. Dois países se odeiam, mas em vez de guerra de verdade, jogam futebol. Os negros oprimidos pelos brancos, lavam sua alma derrotando um time de brancos, etc.

IHU On-Line - O futebol não está muito mercantilizado?

Roberto DaMatta - Está. Mas o que não está? A religião? A política? O jornal? A ciência? A questão seria mais de como regular esse chamado mercantilismo.

Negros jogam, brancos assistem

Entrevista com Edison Luis Gastaldo



Para o publicitário Edison Luis Gastaldo, na copa do mundo negros jogam e brancos torcem. A opinião surgiu da observação dos anúncios publicitários veiculados durante a copa de 1998. Para ele, os anúncios demarcam lugares muito claros para as pessoas. “Qual é o lugar apropriado para as pessoas verem os jogos da copa: ou é no bar, ou é em casa? No bar, tem pessoas negras sem camisa, pessoas negras descalças, tem pessoas negras na rua, na arquibancada. Dentro de casa, só tem pessoas brancas. Na Copa de 2002, mudou um pouquinho, mas na de 1998, em mais de 400 anúncios analisados, nenhuma pessoa negra entrou em casa. Só na tela da TV jogando futebol. O jogo a que os brancos assistiam tinha, pelo menos, um jogador negro jogando futebol”.

Entre outras tantas constatações, o publicitário, mestre em Antropologia Social, doutor em Multimeios e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos falou à *IHU On-Line* sobre futebol arte, Copa do Mundo, rivalidade e identidade. A rápida entrevista foi concedida momentos antes do início do **I Seminário Pátria de Chuteiras - Futebol e Sociedade no Brasil**, que aconteceu nos dias 5, 6 e 7 de junho na Unisinos. Na ocasião, Gastaldo lançou o livro *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, em parceria com a antropóloga carioca Simoni Lahud Guedes (UFF). Gastaldo é autor de *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: AnnaBlume, 2002 e organizador do livro *Erving Goffman: Desbravador do Cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

O professor é um dos autores, ao lado de Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity, do **Cadernos IHU Idéias** número 43, publicado em 2005 e intitulado *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica*.

***IHU On-Line* - Por que o senhor afirma que não existe uma relação direta entre o hexa e um bicampeonato do Lula nas eleições de 2006?**

Edison Luis Gastaldo - Por vários motivos: o futebol representa muito mais a nação brasileira do que o Estado. Uma vitória da seleção não vai ser uma

vitória nem do Fernando Henrique Cardoso, nem do Lula, nem do Garotinho, de ninguém - é uma vitória da nação brasileira. Então a seleção é muito mais uma metonímia da nação do que uma propriedade do Estado. Se o Brasil for fragorosamente derrotado, e espero que isso não aconteça, mas se vier a acontecer, vai ter muito mais

acusações à fragilidade emocional do povo brasileiro ou alguma coisa do tipo “amarelou”, do que à situação política. Não tem uma relação direta. Isso não significa que nunca se tenha tentado ou feito efetivamente o uso político de uma seleção da Copa do Mundo, o Mussolini⁵ fez isso, o Médici⁶ tentou fazer isso, o Videla⁷, na Argentina, tentou fazer isso. Agora, a seleção de 1970, aquela que era 90 milhões em ação, um país que vai pra frente, em 1972, dois anos depois da conquista da Copa do México, a mesma seleção, com Tostão⁸, Rivelino⁹, Jairzinho¹⁰, foi vaiada em Porto Alegre durante 90 minutos porque jogou contra um time da seleção gaúcha. Então isso mostra que é muito complicado definir o que as pessoas vão sentir e com o que elas vão ligar a seleção.

IHU On-Line - E quais seriam os motivos que fazem a Copa do Mundo despertar essas questões

⁵ **Benito Amilcare Andrea Mussolini** (1883 - 1945): foi jornalista e político italiano. Governou com poderes ditatoriais a Itália, entre 1922 a 1943, autodenominando-se *Il Duce*, que significa em italiano "o condutor". (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ General **Emílio Garrastazu Médici** (1905 - 1985): militar gaúcho, ditador brasileiro entre 30 de outubro de 1969 e 15 de março de 1974. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ **Jorge Rafael Videla**: ditador da Argentina entre 1976 e 1981. Por seus crimes contra os direitos humanos foi julgado e destituído como militar. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ **Eduardo Gonçalves de Andrade: Tostão**, foi um dos grandes jogadores do futebol brasileiro e mundial. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ **Roberto Rivellino** (1946): foi um jogador brasileiro de futebol do final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Foi titular da Seleção Brasileira campeã mundial na Copa de 1970, no México. Apelidado de *Reizinho do Parque* pelo jornalista esportivo Antônio Guzman, na década de 1960, também foi chamado pelos mexicanos de **Patada Atômica**. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ **Jair Ventura Filho**, ou **Jairzinho** (1944): futebolista brasileiro, um dos heróis da Copa de 1970, ocasião em que o Brasil conquistou em definitivo a Taça Jules Rimet ao sagrar-se tricampeão. Peça fundamental desta conquista, ganhou o apelido de **Furacão da Copa** tendo marcado gols em todas as partidas, feito inédito até então. (Nota da *IHU On-Line*)

identitárias nacionais? Que mecanismos ajudam nessa construção?

Edison Luis Gastaldo - A Copa do Mundo tem algumas características que podem ser pensadas como algo que ajude e que promova os pertencimentos identitários. Por exemplo, cada time, não é um mero time de futebol. Não é o Liverpool, não é o Milan, não é a Manchester United. É a seleção italiana, a seleção inglesa, a seleção brasileira. Os times jogam com uniformes com as cores da sua bandeira nacional. Antes de entrar em campo, tocam-se os hinos nacionais e hasteiam-se as bandeiras, os times são conhecidos pelos nomes dos países, então é muito mais fácil ouvir: “o Brasil vai jogar hoje”. E não é o Brasil, é um time de futebol que representa o Brasil. Essa passagem é muito fácil de acontecer. A Copa do Mundo vai ressaltar valores nacionais, e isso vai se manifestar, por exemplo, nas arquibancadas. Podemos ver torcedores vestindo estereótipos: um norueguês vai vestido de *viking*, o escocês vai de saíote, o brasileiro vai de mulata da escola de samba. Em nenhum outro jogo de futebol do Campeonato Brasileiro, por exemplo, vai haver uma mulata de escola de samba. Entretanto, na Copa do Mundo da Alemanha, vai haver, porque faz parte do espetáculo, do show, é um momento em que se ritualizam valores nacionais.

IHU On-Line - E por que o brasileiro se sente mais brasileiro em época de Copa do Mundo? Como fica o sentido de alteridade com relação aos demais países que estão dentro da competição?

Edison Luis Gastaldo - O brasileiro fica mais brasileiro porque tem os outros para comparar. No Gre-Nal, por exemplo, não faz o menor sentido alguém dizer “eu sou brasileiro”. Se estão jogando Brasil e Alemanha, aí faz sentido porque existe um outro contra quem afirmar a tua identidade. A identidade é sempre um processo de

ser eu com relação a outro. Identidade é uma questão de contraste, é interação com o outro que, por não ser eu, define a mim como sendo eu mesmo. Então é o outro que dá a medida do mim mesmo. Eu sou o não-outro. Então é nessa dinâmica que vai ressaltar a construção da identidade.

***IHU On-Line* - E o que significa um estilo brasileiro de jogar futebol? Como é que a mídia trabalha com essa definição dentro das coberturas esportivas?**

Edison Luis Gastaldo – Eu acredito que existe mais um discurso sobre um estilo brasileiro do que propriamente um estilo brasileiro. Hoje em dia, o futebol está muito parecido no muito inteiro, os times estão muito parelhos, o jeito de jogar está muito parelho, o futebol está muito internacionalizado. É só pegar um time como o Barcelona, tem jogador da África, da América do Sul, de vários países da Europa. É uma espécie de grande mistura de todos os estilos que vai igualar tudo. Os meios de comunicação estão muito rápidos, se desejamos uma informação sobre o esquema tático da Inglaterra, é só entrar na Internet. Os sistemas e as tecnologias de treinamento, tudo isso é um saber que está mais ou menos homogêneo. O Felipão¹¹ treina Portugal, o Zico¹² treina o Japão. O Zico não vai imprimir uma marca de jogar brasileira na armação do time, por exemplo.

¹¹ **Luiz Felipe Scolari**, também conhecido como **Felipão**, é um ex-zagueiro gaúcho, ex-treinador do Grêmio. Foi campeão do mundo de futebol como técnico da Seleção Brasileira em 2002, na copa do Japão e da Coréia do Sul e é o atual técnico da Seleção Portuguesa, com a qual já foi vice-campeão europeu. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² **Arthur Antunes Coimbra**, mais conhecido como **Zico** é um ex-futebolista brasileiro que se notabilizou mundialmente com a conquista da Libertadores da América e do Campeonato Mundial Interclubes pela equipe carioca do Flamengo, e e em suas participações pela seleção brasileira nas Copas de 1982 Espanha e 1986 México. Atualmente, é treinador da Seleção Japonesa de Futebol. (Nota da *IHU On-Line*)

Especificidade nacional

Então uma coisa não influencia a outra e tende a diluir um pouco essa especificidade nacional que existiu muito fortemente nos anos 1920 e 1930, quando era preciso pegar um navio para vir da Europa para cá. Então o Uruguai desenvolveu uma escola de futebol sul-americana, que ganhou duas Olimpíadas e duas Copas do Mundo. Uma escola de futebol que surpreendeu a Europa. Ganhou a Olimpíada de 1924, a de 1928, e a Copa do Mundo de 1930, com o mesmo time, seguido. Nessa época, em que as comunicações não eram tão avançadas, poderia haver um certo isolamento em certos lugares nos quais se desenvolvia uma cultura futebolística própria. Hoje em dia, isso tende a diluir. Agora, existe uma expectativa por parte da mídia e da crônica esportiva de que o Brasil deve sempre dar show, fazer dribles maravilhosos, jogadas incríveis, acrobáticas, malabarismos, e se o Brasil perder fazendo isso não é tão problemático, como na copa de 1982. O Brasil tinha um timão, perdeu porque perder faz parte do futebol, mas todo mundo disse que aquela foi a melhor seleção porque jogou conforme as expectativas construídas não apenas pela imprensa, mas também pelo imaginário do brasileiro: futebol arte. No caso da Copa de 1994, que o Brasil ganhou, ninguém deu muita bola porque ganhou no zero a zero, ganhou nos pênaltis, não foi um show de bola, não foi um 4 x 1 como em 1970, quando chegou à final contra a Itália e ganhou de 4 x 1. Agora, na Copa de 1994 foi aquele zero a zero, os dois times jogando na defesa, todo mundo teve que esperar para ver o que ia dar nos pênaltis e foi o que aconteceu - o Brasil ganhou.

Copa 2002: Romário Vs. Felipão

***IHU On-Line* - Por que o senhor diz que os símbolos de brasilidade e**

gauchidade se confundiram na Copa de 2002?

Edison Luis Gastaldo – Porque antes da Copa, houve uma crise importante, que foi a da não-convocação do Romário. O Felipão assumiu a seleção numa situação muito complicada, a seleção estava praticamente sendo eliminada da Copa, e no primeiro jogo do Felipão, a seleção perdeu de dois a zero para Honduras, que é um pequeno país da América Central. Na época, o Luis Fernando Veríssimo falou que Honduras em espanhol significa profundezas e que esse resultado tinha significado as profundezas a que o futebol brasileiro tinha chegado. Então o Felipão assumiu num momento muito difícil e sempre fez questão de não convocar o Romário. E o Romário é um jogador que simboliza todo esse futebol arte, que não precisa treinar, representa todo esse mito de que o jogador brasileiro nasce pronto, de que os craques vêm da natureza, e o Romário seria o símbolo disso. Então o Felipão, não escalando o Romário, e chamando vários jogadores do Rio Grande do Sul ou que tinham jogado aqui, como, por exemplo, o zagueiro Lúcio, que é de Brasília, mas se consagrou defendendo o Internacional, considerado pela crônica esportiva gaúcha, e outros jogadores gaúchos, deixou o pessoal muito ressentido, não só no centro do país, porque aqui também se fez campanha pelo Romário.

Copa 2002. Uma revolução farroupilha

Assim, se confrontavam essas duas figuras públicas, o Romário e o Felipão. Então o Rio Grande do Sul abraçou essa causa do Felipão como um emblema da identidade gaúcha. A *Zero Hora*, no dia em que começou a copa, publicou uma manchete assim: “Começa a mais gaúcha de todas as copas”. Por quê? Porque tinha vários jogadores gaúchos, o técnico e o preparador físico eram gaúchos também. A imprensa do centro do país não deu a menor importância

para isso, o Armando Nogueira falou no dia da final que um drible do Ronaldinho Gaúcho era a maior expressão do futebol arte, ou seja, o Ronaldinho era um jogador gaúcho, então não eram os gaúchos contra os brasileiros? No centro do país era a seleção brasileira, era o nosso time. Aqui se dizia que era o Rio Grande do Sul contra o resto do país. Criou-se aqui uma situação e se fez disso um emblema, uma espécie de Revolução Farroupilha 200 anos depois.

IHU On-Line - Como podemos entender a representação que a publicidade faz da brasilidade na Copa do Mundo? Como ela se apropria dessas nossas características?

Edison Luis Gastaldo – Uma característica do discurso publicitário é basicamente trabalhar com estereótipos, ou seja, representações ultra-simplificadas, sem ambigüidade, e sem muita profundidade, que permita que o sujeito, num relance, identifique e entenda do que se está falando, porque o anúncio não tem tempo, nem espaço, nem dinheiro para ficar explicando sutilezas. Então, brasileiro é tinta na cara, é uniforme da seleção. A publicidade opera com um discurso conservador na medida em que ele reitera os estereótipos que já estão colocados. Ele nunca desafia aquilo que já é consenso. Ele busca o consenso para buscar nele a venda do produto. Logo, o discurso publicitário vai ser conservador. No que diz respeito a uma Copa do Mundo, ele busca os estereótipos da brasilidade. Então o brasileiro vive de futebol 24 horas por dia, brasileiro não fala de outra coisa, os craques brasileiros nascem prontos e toda uma ideologia da sociedade que vê o futebol como uma espécie de virtude nacional para a qual não precisamos fazer nada, já nascemos prontos, e os craques nascem da natureza, tirando toda dimensão política da formação dos jogadores.

Negros jogam e brancos torcem

***IHU On-Line* - Existe um artigo seu que é "Negros jogam e brancos torcem". O que significa essa proposição no nosso contexto?**

Edison Luis Gastaldo - É um artigo sobre anúncios publicitários veiculados durante a copa de 1998 que demarcam lugares muito claros para as pessoas. É como falei antes: essa representação não quer dizer que seja um espelho da realidade, mas sim uma versão que corrobora forças conservadoras no discurso publicitário. Então qual é o lugar apropriado para as pessoas verem os jogos da Copa: ou é no bar, ou é em casa. No bar, tem pessoas negras sem camisa, pessoas negras descalças, tem pessoas negras na rua, na arquibancada. Dentro de casa, só tem pessoas brancas. Na Copa de 2002, mudou um pouquinho, mas na de 1998, em mais de 400 anúncios analisados, nenhuma pessoa negra entrou em casa. Só na tela da TV jogando futebol. O jogo a que os brancos assistiam tinha pelo menos um jogador negro jogando futebol. Aí sim, mas só aparece a perna deles, dentro de uma sala de classe média, onde um monte de pessoas brancas assistia ao jogo e comemoravam a vitória. Os anúncios publicitários marcam lugares muito claros para cada grupo nas sociedades. Lugar de negro é dentro do gramado jogando um futebol maravilhoso ou na arquibancada, ou na rua, ou na favela, em qualquer lugar menos dentro de casa. Em casa, a torcida é dos brancos.

***IHU On-Line* - O que o senhor pensa sobre a derrota do Brasil em 1998 e o que isso significou para o imaginário popular?**

Edison Luis Gastaldo - Eu acho que reiterou temas muito antigos como o "amarelão". Houve tantas versões naquele episódio que nunca mais se soube realmente o que aconteceu. A versão dominante é que o Ronaldo Nazário teria tido um "amarelão", ou seja, ficou com medo. Essa foi a mesma acusação que se lançou sobre o Barbosa e o Bigode, o goleiro e o zagueiro da seleção de 1950, que perdeu para o Uruguai também, em uma final de Copa do Mundo. Casualmente, eram os dois únicos jogadores negros da equipe e se jogou sobre eles toda culpa. Voltou aí uma teoria do século XIX, a eugenia, que dizia que os negros eram neurastênicos, isto é, tinham uma fraqueza nos nervos, uma instabilidade emocional e na hora H "amarelavam". É a mesma acusação que se fez ao Ronaldinho. Na hora H tremeu, ficou com medo. Foi um peso enorme em cima do coitado do rapaz, pagou os pecados. Logo depois, ele se machucou e ficou muito tempo fora dos gramados, foi uma crise aquilo. Agora não podemos esquecer que o Brasil perdeu para um time que jogou melhor. A França fez 3 x 0. Ela estava iluminada naquele dia e deu "um banho de bola" no Brasil, que perdeu não só por culpa dele, mas também pela França. Então há uma espécie de arrogância emocional nesse campo que diz assim: "nós somos obviamente os melhores do mundo e se perdemos foi por culpa nossa", nunca mérito dos outros. Eu destacaria que precisamos ser um pouco menos arrogantes e entender que os outros países também jogam um bom futebol e que, naquele jogo, a França jogou muito e mereceu ser campeã do mundo.

Futebol e sentimento de nacionalidade

Entrevista com **Simoni Lahud Guedes**

“Hoje, provavelmente, o futebol, e a Copa do Mundo em particular, são os rituais que têm maior probabilidade, maior eficácia na construção de identidades nacionais”, é o que diz a professora no Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, Simoni Lahud Guedes.

Nesta entrevista à revista *IHU On-Line*, Simoni apresentou uma série de questões sobre o futebol, evidenciando o vasto campo a ser estudado, “uma série de questões que acabam encontrando no futebol esse espaço para aparecerem e se expressarem”.

Flamenguista “fanática”, a antropóloga é autora do livro *O Brasil No Campo de Futebol: Estudos Antropológicos Sobre Os Significados do Futebol Brasileiro*.

Niterói: Eduff, 1998 e *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*.

Niterói: Intertexto, 2006 em parceria com o publicitário Edison Luis Gastaldo.

Guedes participou do **I Seminário Pátria de Chuteiras - Futebol e Sociedade no Brasil**, que aconteceu nos dias 5, 6 e 7 de junho na Unisinos.

***IHU On-Line* - Por que o futebol brasileiro pode ser considerado uma instituição zero?**

Simoni Lahud Guedes - A idéia do zero é uma questão do estruturalismo. O zero é a ausência de significado, mas não é a ausência de significado propriamente, é uma exigência de significado. O zero na verdade é um veículo, essa idéia de que o futebol seria um veículo que transmitiria significados positivos e negativos. O futebol é um exu¹³, ou seja, um vazio, mas é um vazio

¹³ Exu é a figura mais controvertida dos cultos afro-brasileiros e também a mais conhecida. Há, antes de tudo, a discussão se Exu é um Orixá ou apenas uma entidade diferente, que ficaria entre a classificação de orixá e ser humano. Sem dúvida, ele trafega tanto pelo mundo material (*ayê*), onde habitam os seres humanos e todas as figuras vivas que conhecemos, como pela região do sobrenatural (*orum*), onde trafegam orixás, entidades afins e as almas dos mortos (*eguns*). (Nota da *IHU On-Line*)

que exige significação e é por isso que chamei de instituição zero.

***IHU On-Line* - Qual é o significado antropológico e social do futebol no Brasil?**

Simoni Lahud Guedes - É imenso, porque, no caso brasileiro, o futebol se transformou nesse veículo fundamental de construção de identidade, de construções identitárias não só da brasilidade como em vários níveis. Por exemplo, aqui no Rio Grande do Sul, temos um processo de construção identitária pelo Gre-Nal, que foi estudada pelo Arlei Sander Damo no livro dele, *Futebol e Identidades Sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tem, desde a possibilidade de construção de identidades de bairro, de rua, de questões de gênero, até a construção de nacionalidades. Hoje, provavelmente, o futebol, e a copa do mundo em

particular, são os rituais que têm maior probabilidade, maior eficácia na construção de identidades nacionais.

IHU On-Line - Em que consiste seu questionamento de que realmente somos o "país do futebol"?

Simoni Lahud Guedes - Nós gostamos de pensar que somos o país do futebol, mas isso é um questionamento que estamos fazendo no nosso livro (*Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006). O futebol é importante como veículo em muitos países, veículo de construção da nacionalidade ou de reivindicação identitária, mas provavelmente isso ocorra de formas diferentes. Por exemplo, existe um fenômeno que aconteceu há pouco tempo sobre o qual ainda não conseguimos pensar direito, foi a intervenção da seleção brasileira no Haiti. Isso precisava ser pensado, quer dizer, o que a seleção brasileira representou ali. Será que uma seleção europeia iria ter a mesma recepção? Será que não "rolou" ali algo como, afinal de contas, é o nosso irmão negro, enfim, há questões que acabam encontrando no futebol esse espaço para aparecerem e se expressarem.

IHU On-Line - Como a senhora avalia o aumento dessa identidade e o patriotismo em época de Copa do Mundo?

Simoni Lahud Guedes - Aqui no Brasil, elegemos a Copa do Mundo como esse momento, por uma série de razões da própria história do futebol, da história política e social do Brasil que tem muito a ver com a derrota de 1950. Por exemplo, não damos a mesma importância para a participação nas Olimpíadas, nem do futebol. Em outros países, isso é muito mais importante. No Brasil, nós elegemos a Copa do Mundo. É claro que há fatos, como, por

exemplo, a copa ter se transformado no evento mais visto do Planeta. É lógico querer ser bom no que todo o mundo valoriza. Não adianta querer ser bom no jogo de bocha ali na esquina. Aquilo te dá prazer, com os teus amigos, mas se os outros não valorizam isso não adianta nada. Então o fato de o futebol ser valorizado no mundo inteiro é que vai fazer essa diferença também. O Brasil é o único país que esteve em todas as copas. Eu acredito até que uma derrota nas eliminatórias seria um drama muito maior para o Brasil do que uma derrota na Copa do Mundo.

IHU On-Line - A senhora torce para algum time?

Simoni Lahud Guedes - Sou Flamengo desde as outras encarnações. Vou aos jogos sempre que posso. Jogo do Flamengo eu só consigo ver se ele já estiver ganhando, senão não agüento, sofro muito.

IHU On-Line - Como o futebol pode ser um fator de inclusão social?

Simoni Lahud Guedes - Ele pode ser de inclusão e exclusão. Ele é um veículo. Nós precisamos pensar um pouco sobre essa utilização do futebol tão extensivamente como chamariz, como estratégia pedagógica em projetos sociais porque aí existe uma outra questão. Embora os projetos sociais não estejam estimulando a profissionalização dos meninos, esse sonho está presente para a maioria deles, e isso é problemático. Há um percentual mínimo, quase insignificante, que têm sucesso. Devemos pensar um pouco mais sobre isso, ver como podemos lidar melhor com essa estratégia, se não podemos oferecer alternativas, se o objetivo é a socialização, então deveríamos pensar mais diversificadamente sobre esse ponto de vista.

Paixão que une colorados e gremistas

Entrevista com Rogério Delanhesi



O diretor de Marketing da Unisinos, Rogério Delanhesi, avalia o sentimento suscitado pela Copa do Mundo: “As pessoas se unem para vibrar, para se emocionar e se abraçar. A probabilidade de alegria está próxima, e o sentimento de nacionalidade auxilia no crescimento da auto-estima da população”.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à *IHU On-Line*, o diretor de Marketing da Unisinos falou das emoções que envolvem o futebol como produto para consumo das massas e também abordou aspectos de reflexão que este esporte pode trazer: a ascensão social, os benefícios de um espetáculo, o estímulo à violência e sua relação com a derrota de uma equipe ou seleção, os interesses comerciais influenciando as coberturas jornalísticas.

Rogério Delanhesi é especialista em Administração e Marketing Desportivo e tem grande experiência na área, tendo passado por diversos clubes como o Grêmio Náutico União, Sport Club Internacional e Associação Atlética do Banco do Brasil. Atualmente, é diretor de marketing da Unisinos.

***IHU On-Line* - Como a polaridade da disputa Gre-Nal é transcendida em tempos de Copa do Mundo?**

Rogério Delanhesi – Quando um jogador do grupo da seleção é integrante das atuais equipes do Grêmio e Internacional, a parcialidade supera a torcida pelo país e passa a contagiar os torcedores na emoção do Mundial. Aconteceu na Copa de 1970 com o Everaldo¹⁴, saudado quase que exclusivamente pela torcida gremista na conquista do título no México. Quando não se estabelece no âmbito dos atletas,

¹⁴ Everaldo, lateral-esquerdo da Copa do Mundo de 1970, disputada no México. Everaldo morreu em um acidente de carro em Porto Alegre, no dia 27 de outubro de 1974, aos 30 anos. Único gaúcho entre os atletas tricampeões, o lateral é considerado um dos maiores ídolos da história do Grêmio, clube que defendeu por 10 anos. (Nota da *IHU On-Line*)

a torcida passa a ser conjunta, como acontecerá agora na Alemanha, mesmo tendo a presença do preparador Paulo Paixão¹⁵ como integrante da Comissão Técnica.

***IHU On-Line* - Como se constrói no marketing aquele sentimento de unidade nacional próprio da Copa?**

¹⁵ Formado em Educação Física pelas Faculdades Integradas Castelo Branco, no Rio de Janeiro, em 1985. Possui cursos de especialização em Fisiologia do Exercício e em Futebol, ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou em clubes como Fluminense, Botafogo, Grêmio, Vasco da Gama, Jubilo Iwata. Entre os principais títulos, destacam-se a Copa Libertadores de América de 1995, com o Grêmio e a de 1999, com o Palmeiras. Pela seleção brasileira conquistou o pentacampeonato de 2002 no Japão-Coréia. Atualmente, está no Internacional de Porto Alegre. (Nota da *IHU On-Line*)

Há algum fenômeno regional parecido nos times gaúchos?

Rogério Delanhési - O sentimento construído é proveniente da identidade emocional criada pela paixão existente nos torcedores, explicitadas pelas atitudes que reverenciam seus ídolos e os símbolos das equipes. Este comportamento em relação ao futebol está incorporado à cultura brasileira. A nação se une pela possibilidade real da vitória e da conquista, crescendo sua relação emocional e sua nacionalidade, pertinentes a um evento esportivo consagrado. Os comportamentos são similares aos já existentes na relação com os clubes de seus estados.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o sentimento de identidade suscitado pela Copa do Mundo?

Rogério Delanhési - Avalio de forma positiva. As pessoas se unem para vibrar, para se emocionar e se abraçar. A probabilidade de alegria está próxima, e o sentimento de nacionalidade auxilia no crescimento da auto-estima da população. Não podemos esquecer que estamos diante de um espetáculo, em que a possibilidade de derrota não elimina os momentos inesquecíveis de contemplação. Esta “cerimônia” envolve cânticos, coreografias e sentimentos similares a reuniões de grupos religiosos.

IHU On-Line - Quais são os aspectos de marketing envolvidos no futebol como produto para consumo das massas?

Rogério Delanhési - Considero o futebol uma das mais consagradas formas de lazer, da atividade física (quando sujeito da ação) ao espetáculo. Desta forma, todos os aspectos de marketing estão presentes: do planejamento, da formatação da ação, da comunicação (e venda) e da conseqüente avaliação. Se analisarmos o futebol como veículo de divulgação de uma idéia ou um de produto, estaremos

focando apenas a dimensão da comunicação (e venda).

IHU On-Line - Quais são as principais diferenças nas formas em que os brasileiros comemoravam e acompanhavam a Copa do Mundo e na forma em que o fazem nos últimos tempos?

Rogério Delanhési - O envolvimento ficou muito maior, proporcional ao crescimento do evento. A Copa do Mundo é o segundo grande evento esportivo do mundo, atrás apenas dos jogos Olímpicos, carregando interesses políticos e comerciais fantásticos. A cobertura midiática atual não permite que qualquer ser humano não modifique sua forma de acompanhamento. As pessoas gostam de futebol, mas curtem muito o rádio, a televisão e a Internet.

IHU On-Line - Qual foi seu maior aprendizado como diretor do Internacional? O que a Copa do mundo pode nos ensinar?

Rogério Delanhési - Vários foram os aprendizados em minha experiência como diretor executivo de Futebol do Internacional, o principal deles foi administrar um ambiente complexo com um componente emocional muito forte. A Copa do Mundo e o futebol, encarados como um evento e como uma atividade de lazer, podem nos trazer várias reflexões: a ascensão social pelo esporte, os benefícios de um espetáculo, o estímulo à violência e sua relação com a derrota de uma equipe ou seleção, os interesses comerciais influenciando as coberturas jornalísticas. As relações da imprensa e do futebol são muito íntimas: mesmos hotéis, mesmos restaurantes, mesmos vãos. Uma intimidade que permite, em função de um grande tempo de exposição e cobertura, a possibilidade de explicitar contradições: Uma crise provocada por uma declaração inadequada de um atleta, gera notícia, grande audiência nos torcedores e crise

no grupo de atletas. Esta crise poderá acarretar a derrota desta equipe, que entristecerá os mesmos torcedores que se “alimentaram” da notícia.

***IHU On-Line* - Muitas instituições brasileiras estão marcadas pela corrupção. Há corrupção no futebol?**

Rogério Delanhesi - A instituição futebol não está imune à corrupção. Com intenso acompanhamento jornalístico e com a recente fiscalização dos órgãos de fiscalização federal, a possibilidade de corrupção diminuiu. A cadeia que se constitui na contratação de um jogador de futebol (atleta, procurador, empresário, funcionários e dirigentes do clube, jornalista esportivo

e federação) é extensa e permite a corrupção, alimentada por proporções financeiras bem menores daquelas envolvidas nos direitos federativos de um grande jogador.

***IHU On-Line* - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

Rogério Delanhesi - Gostaria que as pessoas continuassem a curtir o futebol naquilo que ele tem de mais autêntico e puro, que é a emoção, própria do esporte e de um espetáculo. Não permitissem que um resultado não-esperado (derrota ou desclassificação) se transformasse em violência e frustração.

destaques da semana

Entrevistas da Semana	pg. 23
Artigo da Semana	pg. 30
Deu nos Jornais	pg. 32
Frases da Semana	pg. 34
Destaques On-Line	pg. 36

Entrevistas da Semana

O hedonismo fraturado

Entrevista com Gilles Lipovetsky



A seguir publicamos uma entrevista originalmente veiculada no *Caderno Mais!*, da *Folha de São Paulo* deste domingo, 11 de junho de 2006, realizada pelo editor Marcos Flamínio Peres com o filósofo francês Gilles Lipovetsky. Nela o filósofo diz que o indivíduo vive sob a ameaça da "colonização da existência", ataca Naomi Klein e aponta a pobreza e a educação como os grandes problemas hoje. Flamínio é jornalista. Escreveu o livro *A fonte envenenada – transcendência e história em Gonçalves Dias*. São Paulo: Nova Alexandria, 2004.

Lipovetsky é professor da Universidade de Grenoble, França. É autor de diversos livros, entre eles *A era do vazio*. Lisboa: Relógio de Água, 1989; *O Crepúsculo do Dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Pub. D. Quixote, 1994; *A Terceira Mulher. Permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; *O Império do Efêmero. A moda e o seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004 e *Metamorfoses da Cultura Liberal Ética, mídia e empresa*. Porto Alegre: Sulina, 2004. Com Eliette Roux escreveu *O Luxo eterno. Da Idade do Sagrado ao Tempo das Marcas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Lipovetsky concedeu entrevista à *IHU On-Line*, na 105ª edição, de 14 de junho de 2004, com o título *Moda, luxo e hiperindividualismo*. Na edição número 143, de 30 de maio de 2005 reproduzimos uma entrevista com o pensador francês sob o título *O filósofo da moda*, e na 153ª edição, de 29 de agosto de 2005, publicamos uma resenha do livro *O Luxo Eterno*, realizada por Antônio Madalena, coordenador de eventos da Livraria Cultura, de Porto Alegre. A edição 164, de 14 de novembro de 2005 publicou uma entrevista exclusiva com Lipovetsky, *A educação liberal gerou a fragilização em massa*, concedida pessoalmente quando de sua participação no VIII Seminário Internacional da

Depois da surgimento do capitalismo de massa, no fim do século XIX, e da "sociedade de abundância", no pós-guerra, o mundo vive hoje uma nova forma de consumo, iniciada nas duas últimas décadas e marcada pela oferta incessante de produtos em escala e intensidade jamais vistas. Nesta nova "era do hiperconsumo", o apelo ao consumismo entranhou-se no cotidiano de toda a pirâmide social - ricos, pobres e classe média - e moldou uma forma inédita de relacionamento do indivíduo consigo mesmo e com o outro - para o bem e para o mal. Essa é a tese defendida pelo sociólogo francês Gilles Lipovetsky, 61, em seu recém-lançado *Le Bonheur Paradoxal* (A Felicidade Paradoxal. Ed. Gallimard), ainda sem previsão de publicação no Brasil. Em seu estilo verborrágico e coalhado de exemplos, o sociólogo faz a defesa do consumo como forma de terapia contra as frustrações cotidianas - "a superficialidade é necessária"-, mas alerta que, no século XXI, ele está se aproximando perigosamente de uma forma de totalitarismo, que "coloniza as existências" dos indivíduos. De um lado, uma poderosa terapia que ajuda a afastar as frustrações diárias; de outro, um mecanismo de produção de ansiedade em um mercado cuja razão de ser é a contínua oferta de "novidades" - de que são exemplo as novas e polêmicas chuteiras do atacante brasileiro Ronaldo, recauchutadas pelo fabricante, a partir do modelo anterior, mas cujo preço mais que dobrou. Caminhando o tempo todo no fio da navalha em suas argumentações, Lipovetsky diz que o hiperconsumo encurtou as diferenças entre as classes sociais, mas, ao mesmo tempo, passou a se nutrir delas. Pois, afirma, ao estimular a compulsão pela compra como objeto de desejo, a sociedade de hiperconsumo leva as pessoas com

menos renda a se tornarem, na ausência de meios materiais, consumidoras apenas potenciais - só "na imaginação". A consequência dessa impossibilidade é "a delinqüência, a violência, a criminalidade", diz o sociólogo - curiosamente aproximando-se da opinião do governador de São Paulo, Cláudio Lembo, para quem "o consumismo estragou o Brasil" (*Folha*, 31/5). Lipovetsky bate de frente com as teses de uma obra emblemática da crítica à fetichização do consumo, lançada em 2000: trata-se de *Sem Logo* (Record, da canadense Naomi Klein. Ao enfatizar a "tirania" das marcas na sociedade, ela não leva em conta que as pessoas "dispõem de liberdade" para escolher; consumo não é o equivalente do fascismo", diz o professor da Universidade de Grenoble. Na entrevista abaixo, concedida por telefone de Paris, o autor de *A Terceira Mulher* (Companhia das Letras) e *A Sociedade Hipermoderna* (Ed. Barcarolla) começou falando da "medicalização" do consumo, como "terapia cotidiana".

FOLHA - Por que o hiperconsumidor é alguém que vive uma relação ambígua e quase esquizofrênica com o prazer, como diz em seu livro?

GILLES LIPOVETSKY - Porque o consumo se tornou uma terapia cotidiana, funcionando como uma espécie de droga psicológica: faz esquecer, faz mudar de ares. Assim, ele é ao mesmo tempo uma busca de prazer - viajamos nas férias, decoramos a casa, vamos aos restaurantes - e uma forma de expulsar a angústia e a ansiedade.

FOLHA - Esse é o lado positivo do consumo?

LIPOVETSKY - Sim, mas há outros aspectos, que são negativos. Vivemos

em um universo em que as referências se evaporaram ou ficaram desreguladas. A própria obesidade é uma consequência do hiperconsumo, porque ela destrói estruturas, referências e tradições sociais e culturais. Outrora, comia-se em horário fixo; hoje, em uma cidade como São Paulo, por exemplo, pode-se comer qualquer coisa a qualquer hora. Segundo pesquisas realizadas na Califórnia, um em cada dois norte-americanos não sabe o que é uma refeição equilibrada. Sabe-se também que uma porcentagem significativa da população da França e dos Estados Unidos não faz nenhum exercício físico. Em uma vida que é completamente hedonística, tudo leva à facilidade. As pessoas assistem ao futebol na TV, mas não o praticam, assistem ao Carnaval na TV, mas não vão às ruas "pular". Então, temos modos de vidas que são completamente desregulados, em que há excesso de todos os lados. Há excesso de comida, excesso de gordura, excesso de ócio.

FOLHA - Essa desregulação é consequência direta da falência dos grandes sistemas -sociais, religiosos, políticos?

LIPOVETSKY - Sim, mas foi o hiperconsumo que exacerbou tal desregulação. Porque existe uma oferta permanente, uma estimulação contínua. Mas há um segundo aspecto muito importante - e negativo. O sistema de hiperconsumo hedonístico desregulou totalmente o sistema de educação. Cada vez mais você tem jovens e mesmo crianças agitadas, que não conseguem se controlar.

Mas por quê? Porque os pais hoje não são mais capazes de lhes definir o sentido de limite, incapazes de estruturar seu comportamento. Há crianças que passam, diariamente, cinco horas diante da TV simplesmente porque os pais não conseguem lhes dizer "não". Os pais hoje têm medo de frustrar os filhos. Essa é uma consequência do hiperconsumo.

FOLHA - E por que os pais não conseguem dizer "não"?

LIPOVETSKY - Porque os valores hedonistas, o culto da felicidade, se tornaram centrais. Então, teme-se que a criança se frustre, que não seja feliz.

FOLHA - Os pais são hoje uma exacerbção do Maio de 68?

LIPOVETSKY - Exatamente, mesmo sem sabê-los, eles são *soixante-huitards* (referência aos manifestantes de Maio de 68). Os pais se tornaram fracos. Assistimos hoje a uma falência do sistema de educação, e acredito que esse é um enorme problema e um dos grandes desafios para o século XXI. Esse aspecto também se pode detectar entre as pessoas mais pobres, que são completamente obcecadas pelo consumo. O consumo em si não é negativo, não é em si um drama, mas assim se torna quando invade completamente a existência. Quando pessoas pobres não têm como pagar a eletricidade, mas compram um aparelho de TV, quando as pessoas não conseguem comer bem, mas gastam dinheiro para comprar produtos de marca - um tênis Nike, por exemplo -, vive-se uma situação louca. Nesse sentido, o consumo colonizou as existências. Não sou contra o prazer do consumo. O consumo é bom, a superficialidade é boa, temos necessidade deles. Não é preciso ser moralista, como o são os marxistas. Mas sou contra o totalitarismo do consumo, que impede o desenvolvimento dos outros aspectos necessários à existência. Porque o homem é alguém quem pensa, que crê, que deve superar. Ele não pode ser simplesmente um *homo consumericus*.

FOLHA - Pode-se dizer, então, que existe uma dialética entre autonomia e dependência na sociedade do século XXI?

LIPOVETSKY - Não sei se dialética, mas certamente uma coexistência. Porque hoje temos consumidores que são mais

livres do que antigamente, mais autônomos porque mais bem informados; os códigos sociais de antigamente são menos fortes e, de modo geral, pode-se, viver de acordo com os seus desejos. Tem-se à disposição uma oferta de consumo muito diversa, e isso é bom. Mas, ao mesmo tempo, há também uma dependência dos indivíduos em relação ao consumo. E dependência e autonomia andam juntas hoje. Há 50 anos, o consumo era algo relativamente pequeno na vida das pessoas. Vivia-se com muito pouca coisa; já, hoje, há carros, telefones, computadores, viagens para toda parte, o que leva as pessoas a tornarem-se escravas do consumo. É por isso que falo de "felicidade paradoxal", porque, ao mesmo tempo, há mais autonomia e menos autonomia.

FOLHA - Mas esse hiperconsumo não é para todos. Em um país como o Brasil, por exemplo, parcelas expressivas da população estão alijadas do acesso a vários produtos...

LIPOVETSKY - Mas o problema é que a sociedade de consumo cresce par a par com o crescimento das desigualdades. E aí reside um verdadeiro drama porque, se é um fato que a pobreza sempre existiu, hoje as pessoas mais desfavorecidas também são hiperconsumidoras, embora apenas na cabeça.

FOLHA - Apenas na imaginação?

LIPOVETSKY - Sim. Assim como todos as demais, as pessoas com menos renda também querem marcas, a moda, a televisão, o iPod... Elas também querem a vida hedonística, e isso torna as coisas mais complicadas, pois nem sempre conseguem o que desejam.

FOLHA - E quais as conseqüências sociais dessa impossibilidade de hiperconsumir?

LIPOVETSKY - A delinqüência, a violência, a criminalidade. As pessoas

não querem viver mal, elas também querem participar da sociedade de hiperconsumo. E, como isso é difícil, podem lançar mão de formas imediatas para conseguir dinheiro -como tráfico de drogas e roubo- e pagar pelas marcas. Porque, se você não tem os produtos de consumo, você está excluído da sociedade.

FOLHA - O hiperconsumidor é alguém que vive para um futuro que nunca se cumpre?

LIPOVETSKY - É preciso ter cuidado para não diabolizar o tema, porque os intelectuais que se debruçaram sobre o fenômeno nos últimos 50 anos foram terríveis, apocalípticos.

FOLHA - Como Naomi Klein?

LIPOVETSKY - Exatamente. Não concordo com suas análises, que acho pouco exatas. Naturalmente, elas têm algo de verdadeiro - o excesso de marcas e a invasão do espaço privado pelo excesso de publicidade. Mas essa invasão não é o equivalente do fascismo, pois os indivíduos também dispõem de muita liberdade. O consumo não é o totalitarismo; o universo do hiperconsumo é também aquele em que as pessoas vivem bem e por muito tempo. Há também o consumo médico, e isso é bom. Certamente que há um lado criticável no consumo, mas não é aquele que Naomi Klein aponta. Ela vê apenas o lado superficial da questão, que são as marcas. De fato, as marcas são importantes, mas sobretudo para os muito, muito pobres. Para os outros, o consumo se dá de modo bem pouco fiel... Eles mudam de marca, e isso não é um grande problema. O verdadeiro problema hoje é a educação, a pobreza e o desemprego, a depressão, a ansiedade - e não as marcas.

FOLHA - Pode-se dizer que o hiperconsumidor é alguém em busca de si mesmo?

LIPOVETSKY - Sem dúvida. Mas, lendo o livro de Naomi Klein *Sem Logo*, temos a impressão de que os indivíduos não existem - só existem as marcas e os negócios. Para ela, os indivíduos recebem as marcas sem conseguir reagir, como se fossem escravos. Mas você pode assistir a anúncios de uísque 24 horas por dia e jamais beber uísque. Você não vai a um restaurante porque viu alguma publicidade sobre ele, mas porque algum amigo o indicou, por meio do boca-a-boca. Na verdade, considero que, quanto mais marcas há, mais os gostos se individualizam. O universo do hiperconsumo desenvolve a multiplicidade de gostos individuais.

FOLHA - O surgimento da sociedade de hiperconsumo está ligado à ascensão de uma "lógica igualitária" - como o senhor diz em seu livro -, criada pela democracia?

LIPOVETSKY - Sim, mas lógica igualitária não significa uniformização, mas, em seu sentido mais profundo, o direito de cada um à felicidade e ao consumo. Isso significa que, mesmo que não se seja rico, pode-se viver bem. Hoje se pode viajar de avião ao lado de quem tem um nível de vida diferente do seu, que pode ter muito mais dinheiro que você. O que não significa afirmar que as diferenças desapareceram -isso seria ridículo. Mas também não significa dizer que o mundo de pobres e ricos seja estanque. Hoje mesmo as classes desfavorecidas têm acesso ao consumo - e isso muda tudo. A sociedade de hiperconsumo ajudou a encurtar as diferenças entre as classes sociais.

FOLHA - Por que o senhor diz que a sociedade de hiperconsumo é marcada por uma "feminização"?

LIPOVETSKY - Práticas que outrora eram privilégio das mulheres - como a moda e a cosmética - hoje cada vez mais se integram ao universo masculino. Em um sentido mais amplo, assistimos a uma feminização do

design. As formas agora são mais doces, mais maternais e menos agressivas. Isso talvez seja a expressão de uma sociedade mais ansiosa, que acredita menos na modernidade e que deseja um bem-estar imediato. Pois as formas antigas eram uma espécie de profissão de fé na modernidade. Havia um esforço em destruir a tradição, enquanto hoje não se deseja destruir nada, mas, antes, conservar tudo. Hoje as formas pretendem transmitir paz, serenidade, razão pela qual o modelo dessa sociedade não é Dionisos, mas o zen.

FOLHA - Mas um zen com ansiedade. Isso não é contraditório?

LIPOVETSKY - Sem dúvida.

FOLHA - Esse é o pós-hedonismo?

LIPOVETSKY - Exatamente. Um hedonismo ansioso.

FOLHA - O senhor fala de uma "cultura preventiva" do consumidor. Isso é uma relação um pouco paradoxal com o prazer da compra, não? O que é exatamente isso?

LIPOVETSKY - Esse é um grande problema, que tem se desenvolvido, digamos, há cerca de 20 anos. É o que chamo, para me divertir, de "Dr. Knock", referência a uma peça de teatro em que os personagens estão perfeitamente bem, gozam de boa saúde, mas vão a um médico que lhes diz: "Você estão com problemas, as coisas não vão bem". E eles saem dali "doentes", desestabilizados. É o que vivemos hoje. Por exemplo, você não pode se expor ao sol, porque causa problemas, você não pode beber Coca-Cola, porque tem muito açúcar, você não pode comer muita carne, porque tem gordura, você tem que fazer exames médicos, você não pode fazer sexo sem camisinha, porque pode pegar Aids...

FOLHA - Mas essa preocupação não é boa?

LIPOVETSKY - Certamente. Mas isso paralisa o hedonismo, porque instalamos a dúvida, a desconfiança, o medo, que se torna algo permanente nas existências dos indivíduos. Nos anos 1950, as pessoas comiam e tomavam banho de mar tranqüilamente; hoje, você precisa verificar se a água não está poluída, se a comida tem produtos geneticamente modificados, que podem provocar câncer. Não é uma crítica o que faço, mas o fato é que, simplesmente, vivemos em uma civilização da

prevenção, que é o contrário do dionisíaco.

FOLHA - É um exemplo de hedonismo fraturado?

LIPOVETSKY - Sim. Eu diria que não vivemos o dionisíaco; apenas consumimos o dionisíaco.

ONDE ENCOMENDAR - Livros em francês podem ser encomendados, em SP, na Livraria Francesa (0/ xx/11/ 3231-4555) ou no site www.alapage.com

Araucária: um referencial histórico e geográfico

Entrevista com Luiz Eduardo Cheida



Dando continuidade ao tema de capa da edição 183 da *IHU On-Line*, com o tema *Floresta de Araucária: uma teia ecológica complexa*, publicamos, a seguir, a entrevista com Luiz Eduardo Cheida, ambientalista e médico. Cheida foi prefeito de Londrina, PR, pelo Partido dos Trabalhadores, e é secretário estadual de meio ambiente do Paraná no governo atual, de Roberto Requião (PMDB). É professor universitário e professor de

Biologia no Ensino Médio. Leciona no curso de Pós-Graduação em Bioética e Administração Hospitalar. É autor de *Ecologia Vivenciada*. São Paulo: FTD, 1992. vendeu quase um milhão de exemplares. Sua mais recente publicação é intitulada *Biologia Integrada*. São Paulo: FTD, 2005.

Cheida foi, também, secretário municipal do meio ambiente em Londrina, de 2000 a 2002, iniciando a Agenda 21 Local e o plantio de um milhão de árvores na cidade. Como secretário de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Paraná, de 2003 a março de 2006, elaborou e executou uma política ambiental voltada para a recuperação da cobertura florestal do estado; a redução do uso de agrotóxicos; a redução da produção de resíduos sólidos e a extinção dos lixões a céu aberto; a construção de corredores ecológicos e o aumento de renda

aos proprietários rurais a partir de ações ecologicamente sustentáveis. A entrevista a seguir foi concedida à **IHU On-Line** por e-mail.

IHU On-Line - Qual a importância da araucária para a biodiversidade e para a cultura brasileira? O que ela significa?

Luiz Eduardo Cheida - A *Araucaria angustifolia* é um verdadeiro fóssil vivo, presente na Terra há mais de 300 milhões de anos. Nas florestas onde cresce, possibilita a existência de centenas de espécies vegetais e animais. Sua simples presença garante uma profusão de vida ao seu redor. Por isso, ela é fundamental na promoção e na manutenção da biodiversidade dos biomas onde é encontrada. Para a cultura brasileira ela significa um marco, um referencial geográfico e histórico. É um verdadeiro elo de ligação entre o passado e o presente. Seu fruto, a pinha, de onde provém o pinhão, que se cozinha e se come; o vento gelado; a bruma matinal que se estende pelo campo e pela floresta, perfurada de quando em vez por seu copado de rara beleza; a cuia de chimarrão; a conversa ao pé do fogo: todos esses referenciais fazem parte de uma cultura que gira em torno deste verdadeiro símbolo, que é a araucária.

IHU On-Line - O que especificamente está sendo ameaçado em relação à biodiversidade brasileira com a ameaça da araucária?

Luiz Eduardo Cheida - Nas áreas das florestas com araucárias, a extração de madeira para o comércio ou a retirada da cobertura vegetal para fins do plantio de pinus ou para a simples lavoura, a agressão ao bioma é tão intensa e generalizada que sua recuperação é praticamente impossível. Quando tomba a araucária, tombam com ela a imbuia, a canela, o xaxim, a erva mate, o lobo-guará, o tamanduá, a gralha azul e toda a rica biodiversidade que faz desta floresta uma das mais

estáveis e luxuriantes do Planeta. Para o Brasil, o resultado é um desastre. Para o bioma é um verdadeiro cataclisma, sem chances de retorno.

IHU On-Line - Quais as relações entre a água e a floresta e, dentro da floresta, especificamente a da araucária?

Luiz Eduardo Cheida - A presença de vegetação mantém o lençol subterrâneo mais na superfície. A falta de árvores, porém, faz a água descer a grandes profundidades. Algumas nascentes chegam a secar, e os mananciais tendem a reduzir o volume de suas águas. Como a araucária possibilita a existência de outros vegetais, é lícito supor que, assim como outras árvores, sua presença auxilia o ciclo da água na floresta.

IHU On-Line - A Araucária é conhecida também como o pinheiro-do-paraná. O Paraná seria hoje o "santuário" da araucária no Brasil?

Luiz Eduardo Cheida - O Paraná ainda possui uma vasta quantidade de espécimes de araucária, em taliões naturais, matas secundárias e áreas degradadas. Todavia, da original floresta com araucárias, também chamada Floresta Ombrófila Mista, restam somente 0,8% do que existia há um século. A denominação pinheiro-do-paraná expressa uma situação anterior, quando sua quantidade era tão significativa a ponto de torná-la a árvore símbolo do estado. Daí, o nome popular. A araucária também está presente, de forma natural, e em grande quantidade nos estados de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e, em quantidades menores nos estados de São Paulo, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

IHU On-Line - A grande árvore araucária tem na sua história um sentido místico?

Luiz Eduardo Cheida - Sim. É impossível contemplá-la sem deixar de sentir que se está diante de um ser vivo que transcende as eras, desde tempos imemoriais. Tempos em que a humanidade sequer pensava habitar o Planeta. Impossível vê-la sem deixar de pensar que a natureza é sagrada. Alias, no retorno à idéia de sacralidade da natureza está boa parte das respostas aos nossos dilemas atuais.

IHU On-Line - De que forma o senhor assumiu a preservação desta árvore na sua gestão como prefeito de Londrina e como secretário de Meio Ambiente do Paraná?

Luiz Eduardo Cheida - Londrina está ao norte do Trópico de Capricórnio e, portanto, fora da floresta com araucárias. Como secretário de Meio

Ambiente do Paraná, iniciamos programas dentro do bioma, tais como os corredores de biodiversidade (em mais de um milhão de hectares); estímulo à criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN); apoio a iniciativas federais, tais como a criação de parques nacionais; compra de dois aviões para patrulhar a área; montagem de uma força estadual de 900 civis e militares para, com parte deste contingente, proteger a área; um constante trabalho de educação ambiental.

IHU On-Line - Como avalia as políticas de preservação das grandes árvores (ou sua ausência) nos governos federal e estaduais?

Luiz Eduardo Cheida - Com raras exceções, como iniciativas tímidas e subordinadas ao grande capital.

Artigo da Semana

Paixão nacional

Por Cristovam Buarque

“O Brasil tem grandes craques graças ao gosto pelo futebol, ao tamanho da nossa população e ao fato de que todos têm acesso à bola e ao campo de pelada. Nosso país não tem, até hoje, nenhum Prêmio Nobel de Literatura ou Física, porque poucos têm acesso a ensino de qualidade desde a primeira infância, com professores bem remunerados, preparados e dedicados, dispondo de livros e computadores na quantidade e qualidade necessárias”. O comentário é de Cristovam Buarque, senador - PDT-DF, em artigo publicado, hoje, 10-6-06, no jornal *O Globo*.

Segundo ele, “para que as medalhas intelectuais cheguem, é preciso ter pela escola a mesma paixão que o Brasil tem pelo futebol”.

Em cada dez dos melhores jogadores de futebol do mundo, pelo menos cinco são brasileiros. Entre todos os prêmios Nobel do mundo, nenhum é brasileiro. Entre os grandes jogadores brasileiros, quase todos têm origem pobre, enquanto quase todos os profissionais de nível superior vêm das camadas ricas e médias.

Nestes tempos de Copa do Mundo, a TV e o rádio mostram, todos os dias, pequenas biografias dos nossos grandes jogadores. Em comum, todos têm o fato de terem começado a jogar futebol aos quatro anos de idade, em algum campo de pelada perto de casa, às vezes no quintal de um amigo. Todos continuaram, com persistência, o desenvolvimento de seus talentos. Transformaram-se em grandes craques, graças à oportunidade, ao talento e à persistência.

No Brasil de hoje, 20 milhões de meninos jogam futebol. Se apenas um em cada dez mil tiver talento e persistência, nas próximas copas teremos dois mil ótimos jogadores; se for um em cada um milhão, ainda assim teremos dois times completos, formados por grandes craques. O mesmo não vai acontecer com a ciência, a tecnologia e a literatura no Brasil. Não teremos 20 prêmios Nobel, nem mesmo juntando, a esses meninos, os outros 20 milhões de meninas. Porque poucos entrarão na escola aos quatro anos. Não terão acesso a verdadeiras escolas, não poderão persistir no desenvolvimento de talento, não terão livros ou computadores como têm bolas.

O Brasil tem grandes craques graças ao gosto pelo futebol, ao tamanho da nossa população e ao fato de que todos têm acesso à bola e ao campo de pelada. Nosso país não tem, até hoje, nenhum Prêmio Nobel de Literatura ou Física, porque poucos têm acesso a ensino de qualidade desde a primeira infância, com professores bem remunerados, preparados e dedicados, dispondo de livros e computadores na quantidade e qualidade necessárias. Os campos e as

bolas surgem espontaneamente, ou pelo esforço da comunidade e dos próprios meninos. A escola e os computadores só estarão à disposição se houver um esforço deliberado do país inteiro.

Ninguém vira craque por sorte, e sim por talento e persistência. Mas, no Brasil, o desenvolvimento intelectual depende, antes de tudo, da sorte de nascer em uma família rica, em uma cidade próspera, com um prefeito que dê prioridade à educação. O talento e a persistência vêm depois porque, antes, precisam de oportunidade: uma escola de qualidade. O desenvolvimento intelectual depende de condições criadas pelo Estado nacional: escolas, livros, computadores, professores. Se tivéssemos feito isso há cinquenta anos, o Brasil seria o campeão do saber, e não o lanterninha, posição que ocupamos atualmente. Se o fizermos agora, daqui a 20 anos teremos recuperado terreno, e aí teremos a chance de vencer não só a Copa do Mundo, mas também a Copa do Saber, do conhecimento, da ciência, da tecnologia, da literatura. Ganharemos as medalhas do Nobel, além das taças da Copa. Além do mais, teremos o capital e as bases para construirmos o Brasil do século XXI. O futebol deslumbra, mas só o saber constrói.

Tudo isso, porém, enfrenta um grave impedimento: os brasileiros têm paixão pelo futebol. As vitórias emocionam, as derrotas deixam todos abatidos. Mas não existe a mesma paixão pela educação. Há semanas, os meios de comunicação informaram que estamos perdendo para o Haiti em termos de repetência escolar. Nada aconteceu, ninguém se incomodou. Se tivéssemos perdido para o Haiti no futebol, nossos jogadores teriam sido muito mal recebidos na sua volta ao Brasil.

Para que as medalhas intelectuais cheguem, é preciso ter pela escola a mesma paixão que o Brasil tem pelo futebol.

Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU (www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias Diárias* apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. Abaixo algumas notícias selecionadas, extraídas desse link do sítio do IHU.

A rebelião dos pingüins

A semana passada iniciou com uma manifestação de cerca de 1 milhão de pessoas que participaram do maior ato político desde a instauração da ditadura militar em 1973. A manifestação liderada pelos estudantes secundaristas em greve pedindo mudanças no sistema educacional, herança do ditador Augusto Pinochet. Confira as “notícias diárias” do dia 5 de junho.

A imponente manifestação dos adolescentes e jovens, seu alto grau de organização, sua “transversalidade”, ou seja, o forte desejo de não serem “aparelhados” por nenhum partido político foi tema de três entrevistas especiais que as “notícias diárias” produziram. Duas com os sociólogos chilenos, Oscar Dávila e Mario Sandoval respectivamente nos dias 5 e 9 de junho, e uma com a pesquisadora brasileira Julia SantAnna no dia 8 de junho.

Para o analista político Raúl Sohr, a paralisação dos estudantes “marcou o início do fim da verdadeira transição no país”. Confira a entrevista nas notícias diárias do dia 6/06.

A presidente Michelle Bachelet, a menos de 100 dias no poder, falou três vezes, no período da greve, em cadeia de rádio e televisão. A sua aprovação popular caiu 7,5%. Veja as notícias diárias do dia 8/6.

Atendendo em grande parte as reivindicações dos estudantes, na última sexta-feira, os estudantes chilenos encerraram a greve.

“Acreditamos que ganhamos nas reivindicações que fizemos ao governo e acreditamos que os estudantes tiveram uma grande vitória que merecem celebrar em seus colégios”, disse Juan Carlos Herrera, um dos porta-vozes do movimento estudantil. “Estamos felizes pelas conquistas históricas que tivemos”, afirmou María Jesús Sanhueza, 16 anos, a mais polêmica líder do movimento. Veja as notícias diárias do dia 08/06.

"Levante do dia das mães". Mortos por tiro podem superar os 400

Novo levantamento do Conselho Regional de Medicina aponta que cerca de 400 pessoas foram mortas por armas de fogo no Estado de São Paulo no período mais sangrento da guerra deflagrada pelo PCC, entre os dias 12 e 20 de maio. A dramática estatística pode ser conferida nas notícias diárias do dia 6/6.

A ação do MLST

A manchete política da semana passada foi dominada pela ocupação da Câmara dos Deputados pelo MLST, liderado por Bruno Maranhão. “Quero todos presos!”, foi a reação do deputado do PCdoB, Aldo Rebelo. Mais de quatrocentas

pessoas, trabalhadores rurais sem terra foram presos no Presídio da Papuda. Veja as notícias diárias dos dias 6/6, 7/6, 8/6

Segundo D. Tomás Balduino, da Comissão Pastoral da Terra – CPT – os integrantes do MLST agiram de forma desesperada, porque suas reivindicações não são atendidas e a reforma não anda, pois o congresso é hipócrita e perdeu a autoridade moral. Confira as notícias diárias do dia 8/6

Tribunal Permanente dos Povos condena a Aracruz Celulose

Entre mais de 30 empresas condenadas pelo Tribunal se encontra a Aracruz Celulose (de capital Norueguês). O Tribunal aceitou a denúncia e atestou comprovação e indícios de crimes contra os direitos humanos e ambientais praticados pela empresa no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul. Veja as notícias diárias do dia 8/6.

Brasil é destaque por tráfico humano

Cerca de 70 mil brasileiras vivem no exterior praticando prostituição, muitas delas vítimas do tráfico de pessoas. Um número desconhecido de crianças também é submetido a esse tipo de exploração no Brasil. E aproximadamente 25 mil homens são aviltados, também dentro do país, como escravos na lavoura. Os dados são do "Informe sobre Tráfico de Pessoas - 2006", do Departamento de Estado dos Estados Unidos. Confira as notícias diárias 6/6.

Rota do tráfico humano passa pelo RS

Gaúchas de idades variadas, mães preocupadas com o futuro dos filhos e moradoras das regiões de Caxias do Sul e Uruguaiana. Esse é o perfil das vítimas do tráfico de seres humanos no Estado, de acordo com pesquisa do Ministério da Justiça em parceria com o Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime, apresentada na Secretaria **Estadual da Justiça e da Segurança, na Capital.**

"Está na hora de desmitificar o Sul maravilha, aqui há tanto tráfico quanto no Nordeste. O nosso Estado é um prato cheio para o crime organizado, pois é próximo à fronteira, inserido na economia global e com acesso facilitado por meio de aeroportos em cidades menores e portos", afirma Jacqueline Oliveira Silva, professora da Unisinos. Confira as notícias diárias do dia 7/6.

Nesta segunda-feira, dia 12, realiza-se, em Curitiba, a Audiência Pública para tratar da Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas. Confira as notícias diárias do dia 12/6.

As notícias diárias desta segunda-feira, dia 12-6-2006, publicam uma entrevista especial com a pesquisadora da Unisinos, Jacqueline Oliveira.

Frases da semana

MLST

”O PT não vai tolerar vandalismo. Para quem promoveu a violência, não resta outra alternativa a não ser a expulsão.” - Ricardo Berzoini, presidente do PT - *Folha de S. Paulo*, 6-6-2006.

”O MLST se equivocou com o ato porque os nossos inimigos são o latifúndio, os bancos e as empresas transacionais. Os deputados e a Câmara devem ser nossos aliados.” - João Pedro Stédile, da coordenação nacional do MST - *Estado de S. Paulo*, 9-6-06.

”A reforma agrária está parada. Mas mesmo assim, o governo Lula vai continuar tendo o nosso apoio porque consideramos a sua candidatura à Presidência a mais viável para promover as reformas que os movimentos sociais reivindicam.” - João Pedro Stédile, da coordenação nacional do MST - *Estado de S. Paulo*, 9-6-06.

”Onde estão as Forças Armadas? Quero dizer aos comandantes militares: reajam enquanto é tempo, antes que o Brasil caia na desgraça de se tornar uma ditadura sindical.” - Antonio Carlos Magalhães, senador PFL-BA - *Zero Hora*, 9-6-2006.

”Não dou agenda e não converso com o MLST.” - Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário - *Zero Hora*, 10-6-2006.

”O MLST, em vez de se dispor a ir à raiz do problema e discutir a ausência de mecanismos do governo federal na promiscuidade com o Congresso, fez uma farsa radicalóide que acabou quebrando o patrimônio público e atingiu gravemente um simples e humilde funcionário da Casa, provocando traumatismo craniano.” - Heloísa Helena, senadora - P-Sol-AL - *Zero Hora*, 10-6-2006.

”É provocação de gente safada e corrupta. Nem merece resposta.” - Heloísa Helena, senadora - Psol-AL, respondendo ao tesoureiro do PT, Paulo Ferreira, segundo o qual o lugar Bruno Maranhão era o P-Sol - *Zero Hora*, 10-6-2006.

Lula reeleito

”Se o Brasil ganhar a Copa, ninguém segura Lula.” - Eliane Cantanhêde, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 6-6-2006.

”A eleição já está definida. Os programas sociais tornaram o presidente Lula imbatível. E a oposição não conseguiu um discurso consistente contra ele”, afirma José Sarney em entrevista concedida ao jornalista Jorge Moreno e publicada no jornal *O Globo*, 10-6-2006.

”Depender do PMDB é uma maldição num país onde o passado não passa” - Paulo Delgado, deputado federal - PT-MG - *Folha de S. Paulo*, 6-6-2006.

”Vamos estreiar no dia 13. É o 13 do PT, presidente, rumo à vitória.” - Zagalo conversando virtualmente, em videoconferência com Lula - 8-6-2006.

”Lula é raiz. Lula é Brasil profundo. O presidente reflete muito do homem médio brasileiro.” - Cláudio Lembo, governador de São Paulo - PFL - *Zero Hora*, 11-6-2006.

Alan García

”Eu me vejo entre o Chile e o Brasil - ambos têm sido bem-sucedidos. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva é realista. E os governos chilenos têm boas equipes técnicas e idealizaram políticas inteligentes, como o crédito para pequenas empresas.” - Alan García, presidente eleito do Peru - *Estado de S. Paulo*, 6-6-06.

”Chávez representa um perigo para o Peru.” - Alan García, presidente eleito do Peru - *Estado de S. Paulo*, 6-6-06.

Somos um povo dono da carne-seca

”Hoje somos um povo, como diz uma gíria nordestina, dono da carne-seca, não dependemos mais dos outros.” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 8-6-2006.

”Acabou aquele tempo em que a gente tinha de ficar recebendo a delegação do FMI aqui, quando desciam pessoas no aeroporto e a televisão filmava uma mulher e um homem que vinham dizer o que nossos ministros deveriam fazer.” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 8-6-2006.

”Não devemos ao FMI, não devemos ao Clube de Paris e pagamos os títulos da moratória ainda do governo Sarney.” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 8-6-2006.

Medo do outro

”Essa é a grande parábola contemporânea: o medo do outro.” - Sérgio Ramírez, escritor nicaraguense - *El País*, 8-6-2006.

Vexame

”Sem dúvida alguma eu parti de um equívoco e dei a mão à palmatória.” - Marco Aurélio Mello, presidente do TSE - *Estado de S. Paulo*, 9-6-06.

”Dessas quase 48 horas, ficam alguns dados de avaliação: Marco Aurélio continua sendo o voluntarioso Marco Aurélio; o quadro partidário-eleitoral está, de fato, uma bagunça infernal; e a aliança PFL-PSDB em torno de Alckmin fraquejou muito facilmente. No primeiro sopro, balançou. Mau sinal.” - Eliane Cantanhêde, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 9-6-2006.

”Recuar é doloroso e às vezes tem méritos. Não nesse caso, que é um grande vexame. Andaram brincando com coisa séria. Ou nem eleição é mais séria neste país?” - Eliane Cantanhêde, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 9-6-2006.

Destaques on-line

Entrevistas exclusivas produzidas pelo sítio do IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Seleccionamos algumas dessas entrevistas e apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas nas *Notícias Diárias* do sítio, na data correspondente.

Título: A natureza merece pagamento pelos serviços prestados.

Entrevistado: Stuart Pimm, autor do livro *Terras da Terra*

Entrevista: O livro *Terras da Terra*. Londrina: Planta, 2005, do biólogo Stuart Pimm, professor da Universidade de Duke, dos Estados Unidos, faz um balanço da relação que mantemos com o Planeta e revela um preocupante quadro de destruição ambiental. De modo bastante acessível, o livro recorre a pesquisas realizadas por cientistas em diversas partes do mundo - além de apresentar resultados obtidos pelo próprio autor - para demonstrar o mau uso que fazemos de recursos vegetais e hídricos e a forma como estamos extinguindo rapidamente a fauna do mundo. Na entrevista exclusiva concedida pelo autor, Pimm afirma que o Brasil, como muitos países no mundo, tem tratado mal a sua terra. Confira a entrevista nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 6/06/2006.

Título: Violência e frieza.

Entrevistado: Leonardo Santanna, militar brasileiro no Timor

Entrevista: O major Leonardo Santanna, policial militar do Distrito Federal estava em Timor Leste e viveu de perto o massacre com os policiais daquele País, ocorrido no último dia 25 de maio. Ele está há 17 anos na Polícia Militar e disse que nunca presenciou nada parecido. Ele fala sobre a situação em que se encontra o país, principalmente a capital Dili, e sobre o processo de negociação de cessar fogo com os militares que atiraram nos membros da polícia nacional do Timor. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 7/06/2006.

Título: "Rebelião dos pingüins". Uma mobilização social que tem tudo para dar certo.

Entrevistada: Julia SantAnna, pesquisadora do IUPERJ

Entrevista: A jornalista e pesquisadora carioca Julia SantAnna realiza pesquisas sobre a realidade chilena no Observatório Político Sul-Americano (OPSA) do Iuperj, do Rio de Janeiro. Na entrevista publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 8/06/2006, Julia fala sobre a luta dos estudantes chilenos pela melhoria das condições de educação em todos os níveis sociais no país.

Título: A educação deixou de ser um direito para se transformar em um bem.

Entrevistado: Mario Sandoval, sociólogo chileno

Entrevista: O professor Mario Sandoval Manríquez, membro da Comissão Nacional da Pastoral Juvenil do Chile e diretor do Centro de Estudos em Juventude da Universidade Católica Silva Henríquez fala sobre o movimento de

estudantes chilenos que foram às ruas reivindicar por melhorias na educação. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 9/06/2006.

Título: Marketing político e o “mercado eleitoral”

Entrevistado: Sérgio Roberto Trein, professor do Curso de Comunicação Social da Unisinos

Entrevista: O mestre em Comunicação e Práticas Sociopolíticas e publicitário de Marketing Político, que foi coordenador estratégico de diversas campanhas políticas eleitorais vitoriosas em 2004, falou à *IHU On-Line* sobre marketing político e mercado eleitoral. Ele coordenou o curso de Marketing Político, oferecido na modalidade extensão na Universidade de 13 de maio a 10 de junho.

IHU em revista

Eventos	pg. 39
IHU Repórter	pg. 52
Errata	pg. 55

Eventos

Degola Fatal e Cinema, aspirinas e urubus

Cinema BR em Movimento

O curta-metragem *Degola fatal* e o longa *Cinema, aspirinas e urubus* serão exibidos em 13 de junho, das 19h30min às 22h, na sala 1G119 do IHU, dentro das atividades do evento **Cinema BR em Movimento**. A condução do evento está a cargo do Prof. Dr. José Luiz Bica de Melo, coordenador do Curso de Ciências Sociais da Unisinos. Toda a comunidade acadêmica está convidada a participar – a entrada é franca.

Graduado em Ciências Sociais Licenciatura Plena pela Unisinos, Bica é especialista pela mesma instituição em Educação Popular. cursou Mestrado e Doutorado em Sociologia na UFRGS. Sua tese intitula-se *Fronteiras abertas: o campo do poder no espaço fronteira Brasil-Uruguai no contexto da globalização*. É um dos organizadores da obra *O ensino social da Igreja e a globalização*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

Degola Fatal é um documentário que resgata imagens inéditas, captadas em Super 8, durante o funeral do cineasta Glauber Rocha, em 22 de Agosto de 1981. A narração do curta é feita pelo próprio Glauber, a partir de arquivos de áudio. O documentário, de 2004, é colorido e dirigido por Clóvis Molinari e Ricardo Favilla. A duração é de 13 min.

Já o longa *Cinema, aspirinas e urubus* é um drama, de 100 minutos, produzido em 2005 e dirigido pelo cineasta e roteirista estreante pernambucano Marcelo Gomes. No sertão nordestino nos anos 40, às vésperas da entrada do Brasil na II Guerra Mundial, dividem a dura vida de vendedores itinerantes de aspirina o alemão Johann (Peter Ketnath) e o nordestino Ranulpho (João Miguel). Uma forte amizade forma-se entre o estrangeiro, que fugiu da guerra e vê o novo país com o maior otimismo, e o sofrido brasileiro ao seu lado, amargo diante de tudo que vê.

"Cinema, Aspirinas e Urubus" une forma e geografia

Por Walter Salles

Publicamos a seguir o artigo do cineasta Walter Salles, diretor de *Abril Despedaçado*, *Central do Brasil* e *Água Negra*, entre outros. O material foi originalmente veiculado pela *Folha de São Paulo* em 27 de novembro de 2005.

Salles foi premiado por diversos de seus trabalhos. *Central do Brasil* recebeu o Urso de Ouro e o Prêmio do Júri Ecumênico no Festival de Berlim, em 1998. *Diários de Motocicleta* recebeu indicação ao *Independent Spirit Awards de Melhor Diretor*, em 2004. *O Primeiro Dia* foi indicado para o Grande Prêmio Cinema do Brasil de Melhor Direção e Roteiro, em 1998.

Quando nasceram os filmes de estrada? Em Homero, no desejo de Ulysses retornar à casa? Nos primeiros documentários de cineastas-viajantes como Robert Flaherty? Na influência dos fotógrafos humanistas que, como Cartier-Bresson, cruzaram fronteiras para entender como viviam os outros, aqueles que não faziam parte de sua própria cultura?

Provavelmente, em todas essas origens. Filmes de estrada são a extensão de uma condição que é intrínseca ao homem, a do nomadismo. Mas nem todos os filmes de estrada são iguais. Há infinitas correntes. Dentre elas, há aquelas que revelam um desconforto com uma identidade nacional em mutação, como *No Decurso do Tempo* (1976), de Wim Wenders. Há aquelas que acompanham a crise existencial de um personagem, como em *Flores Partidas*, de Jim Jarmusch. E há filmes em que essas duas tendências se mesclam, em que os personagens agem e derivam por causa de suas próprias indagações mas também porque a história se encarrega de alterar seus destinos. É o caso de *Cinema, Aspirinas*

e *Urubus*, o ótimo filme de estréia de Marcelo Gomes.

Interior de Pernambuco, início dos anos 40. Johann (Peter Ketnath) é um comerciante alemão que foge da guerra em seu país. Vende aspirinas na estrada, apoiado numa novidade tecnológica: o cinema. Exibe filmes de graça para os povoados, precedidos de comerciais... de aspirina.

Ranulfo (João Miguel) é um sertanejo que tenta escapar do sertão para sobreviver. Mas não é o personagem-arquétipo dos filmes sobre o Nordeste. Pode não ser um forte, mas sabe se virar. É cáustico, tem um humor desconstrutivo, sabe observar. Por alguns dias, as suas histórias vão se cruzar. "Cinema, Aspirinas e Urubus" se justifica nessa convergência, baseada em duas formas diferentes de descobrimento. Primeiro, o do outro, daquele que é diferente de você. Mas há também o descobrimento do cinema, da misteriosa relação entre sons e imagens. É um filme sobre uma pátria, a do cinema, mas também um filme

sobre uma “fratria” possível, aquela em que a diferença é desejada e aceita.

Tão importante quanto esse achado narrativo é a forma pela qual Marcelo Gomes optou para contar a sua história. Desde que Nelson Pereira dos Santos e Luiz Carlos Barreto, sob a influência de José Medeiros, reinterpretaram a luz brasileira em *Vidas Secas*, não se via uma tradução tão orgânica do calor e da aridez do sertão no cinema. Sente-se na pele como é viver naquela geografia. Da mesma forma, os não-atores que contracenam com os dois personagens centrais adensam a trama e ajudam a torná-la específica.

Cinema, Aspirinas e Urubus revela ao mesmo tempo um diretor cheio de

talento (Marcelo Gomes), um ator luminoso (João Miguel), um fotógrafo de mão cheia (Mauro Pinheiro). Tudo certo, portanto? Não. Foram necessários sete anos para que o filme se tornasse realidade. Ora, uma cinematografia só se torna realmente representativa quando os mestres continuam a filmar com frequência e quando os jovens cineastas chegam com constância para oxigenar a narrativa.

No Brasil, isso não acontece com a regularidade possível ou desejada. *Cinema, Aspirinas e Urubus* é, nesse sentido, ao mesmo tempo a prova do talento que existe para cinema no Brasil e a evidência de que o nosso atual modelo de produção precisa urgentemente ser revisto.

Tema universal é tratado de forma despojada e contundente

Por Luiz Zanin Oricchio

O jornalista e crítico de cinema brasileiro Luiz Zanin Oricchio é o autor do artigo que segue, publicado originalmente pelo *Estado de São Paulo* em 11 de novembro de 2005.

Oricchio colaborou e teve artigos publicados em diversos jornais e revistas, como o caderno *Idéias do Jornal do Brasil*, bem como as revistas *Cinema*, *Imagens*, *Cultura Vozes*, entre outras. Esteve como repórter em vários festivais de cinema no Brasil e no mundo. Fez parte de júris em festivais e em concursos de roteiros, como os da Secretaria e Cultura do Estado e da Petrobrás. Escreveu diversos verbetes para a *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*, de Fernão Ramos e Luiz Felipe Miranda, publicada pela Editora Senac, de São Paulo, em 2000.

Durante muito tempo o cinema nacional quis falar demais. Falar tudo, sem dar espaço à imaginação do espectador. Com *Cinema, Aspirinas e Urubus* (mas não apenas com ele, sejamos justos), essa equação é invertida, radicalmente. O filme é lacunar, feito de pequenos silêncios.

Feito de espaço, em torno do qual se constrói a singela história da amizade entre um nordestino que deseja fugir da seca e um alemão que quer fugir da guerra.

Pois é, durante a 2ª Guerra Mundial, um alemão, representante de um

laboratório, refugia-se no Brasil e sobrevive, vendendo uma droga milagrosa contra dores em geral - a aspirina. Ranulpho (João Miguel) quer ir para o Sul maravilha. E enquanto não consegue, trabalha para o alemão. Assim, esse longa-metragem de estréia do pernambucano Marcelo Gomes se transforma em filme de estrada, com todas as vantagens decorrentes desse gênero - os espaços mudam e, com eles, mudam as pessoas.

Interessante, *Cinema, Aspirinas e Urubus* é um filme de câmera. Assiste-se a ele em estado de concentração, em estado de imersão na experiência cinematográfica que, desta vez, nada tem de trepidante, ou envolvente no sentido de um suspense que se criaria e seria resolvido mais adiante. Não. Há uma narrativa, claro, e até mesmo alguns pequenos conflitos. Nada disso é o que importa. Importa é o relacionamento entre os dois diferentes - o sertanejo e o europeu fugido da guerra. Entre eles, e de comum, algo interessante, que é a auto-referência do filme: o cinema. Na verdade, um pequeno projetor usado para mostrar aos clientes potenciais "filmetes" sobre as virtudes do novo medicamento.

Mesmo assim, com a secura de uma técnica publicitária ainda incipiente, revela-se o encanto das imagens que se movem. Esse encanto que, em pleno século XXI, se renova a cada vez que alguém resolve se tornar cineasta e expressar o que pensa e sente por meio dessa arte exótica, essa técnica circense inventada no final do século 19.

Assim, há mesmo algo de trupe, ou de caravana cigana naqueles dois homens que cruzam o agreste a bordo de uma precária caminhonete. Veículo que,

como se verá no final, terá seu precário valor de face inflacionado em nome da amizade de um personagem por outro. Porque, no fundo, o 'conteúdo' é esse: dois seres humanos, tão diferentes quanto podem ser dois membros da mesma espécie, e que se tornam amigos.

E também é claro que, nesse ponto, o diretor tinha algo em mente, do tipo 'a convivência na diversidade', um tema tão universal quanto premente. Mas reduzir um filme ao seu tema é dizer praticamente nada sobre ele. Porque você pode citar de memória algumas dezenas de filmes sobre esse mesmo tema, repletos de um bom-mocismo tão meloso quanto hipócrita, porque feitos justamente num país que, atualmente, não tem nenhum interesse na convivência pacífica de contrários.

Dessa forma, o que há de mais agudo neste *Cinema, Aspirinas e Urubus* não é tanto seu tema, mas a maneira absolutamente despojada, desdramatizada, e quase seca, como desenvolve esse tema. E há um dado interessante no estilo de Marcelo Gomes em depurar os sentimentos para que eles se expressem melhor. Em geral, tem-se como regra número 1 para a economia narrativa que se dispense ou se use um mínimo de música. Gomes ignora a regra, tirada do cineasta francês Robert Bresson, e enche o filme de música, da melhor música, do período de ouro do cancionero nacional, por exemplo com Serra da Boa Esperança, cantada por Francisco Alves. E assim a música não atrapalha nem torna o filme proibido para diabéticos. Pelo contrário, o transforma num objeto solar, amoroso, que pede, como contrapartida, uma fruição amorosa e solar do espectador.

Filme *Jânio a 24 Quadros* em exibição no IHU História do Brasil e Cinema

A Prof.^a Dr.^a Eloísa Capovilla da Luz Ramos, docente na Unisinos, é a debatedora do filme *Jânio a 24 Quadros*, de Luiz Alberto Pereira. A produção será exibida no evento **História do Brasil e Cinema**, em 17 de junho, das 8h30min às 12h30min, na sala 1G119 do IHU.

Capovilla apresentou a edição de 28 de outubro de 2004 do **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, falando sobre o livro *Da Monarquia à República*, de Emilia Viotti da Costa. Professora no PPG em História da Unisinos, organizou a *Exposição Eu Getúlio. Ele Getúlio. Nós Getúlios*, durante o *Seminário Nacional A Era Vargas em Questão*, realizado em agosto daquele ano. Sobre a exposição, a professora concedeu uma entrevista à **IHU On-Line** edição 111, de 16 de agosto de 2004. Capovilla é graduada em História, mestre em História pela UFRGS, com a dissertação *O Partido Republicano Rio-Grandense e o poder local no Litoral Norte do Rio Grande do Sul*, e doutora em História pela mesma instituição, tendo a sua tese o título *O teatro da sociabilidade: os clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras - São Leopoldo 1858-1930*. É co-autora do livro *Sociedade Orpheu: da história de um nome à identidade de um clube*. Porto Alegre: Palotti, 1998. Apresentou o **IHU Idéias** do dia 16 de outubro de 2003 sobre o tema *Júlio de Castilhos e o PRR: da oposição ao governo*. Sobre ele, concedeu uma entrevista à **IHU On-Line** número 79, de 13 de outubro de 2004. Ministrou, no *Seminário Nacional A Era Vargas em Questão*, a oficina *A cultura na Era Vargas*. A pedido da **IHU On-Line**, produziu o artigo *Da Monarquia à República: momentos decisivos*, publicado na edição 120, de 25 de outubro de 2004.

O filme *Jânio a 24 Quadros* mistura cor e preto e branco, com duração de 85 minutos, produzido em 1981 sob a direção de Luís Alberto Pereira. Trata-se de um filme que não pretende explicar a renúncia, mas efetuar um balanço político bem humorado de nossa história recente, da década de 50 aos dias de hoje, tendo como personagem o ex-presidente Jânio Quadros. Dentro dessa proposta, surgem outros elementos da vida política nacional, como Adhemar de Barros, a UNE, João Goulart, Juscelino Kubitschek, Figueiredo, Médici, Lula, guerrilheiros e até meditadores transcendentais. Um filme moderno onde, na realidade, o principal personagem é a nova geração que nada escolheu do que existe politicamente hoje.

A inclusão da pessoa com deficiência

Encontros de Ética

Em 19 de junho, das 17h30min às 19h, na sala 1G119, do IHU, a comunidade acadêmica pode conferir o evento **Encontros de Ética**, cujo tema é *A inclusão da pessoa com deficiência: experiências vividas a partir do olhar do outro*. A palestrante é a Prof.^ª Dr.^ª Maura Corcini Lopes, da Unisinos. A entrada é gratuita.

Lopes é graduada em Educação Especial com Habilitação para Deficientes da Audiocomunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestre e doutora em Educação pela UFRGS, com a dissertação *As atitudes do professor ouvinte da classe regular frente ao escolar surdo* e a tese *Foto & Grafias: possibilidades de leitura dos surdos e da surdez na escola de surdos*. É uma das organizadoras do livro *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. Por e-mail a pesquisadora concedeu a entrevista que segue à **IHU On-Line**.

A história surda e a história da surdez

Entrevista com Maura Corcini Lopes

IHU On-Line - Como foi realizada sua tese sobre Fotos & Grafias?

Maura Corcini Lopes – A tese que fiz problematizou os discursos e as representações produzidas sobre os surdos e a surdez em cinco décadas de existência de uma escola de surdos localizada em Porto Alegre. O material que utilizei na pesquisa foram fotografias arquivadas na escola ao longo de sua existência. Daí o nome da tese *Foto&Grafias: possibilidades de leituras dos surdos e da surdez na escola de surdos*. As fotografias com as quais trabalhei — denominadas instantâneos — foram tiradas por professores, alunos e pais e traziam materializadas, como qualquer fotografia que tiramos de

momentos que gostaríamos de imortalizar, acontecimentos que marcaram os sujeitos que passaram, direta ou indiretamente, por aquela escola.

Os discursos possíveis de serem vistos por meio de enunciados, operando nas práticas registradas nas fotografias foram vários, mas, marcadamente, em muitos momentos históricos da instituição, os de ordem clínico-terapêutica, os de ordem religiosa e de ordem linguística determinaram as pedagogias e os rumos da educação daquele grupo. O forte atravessamento da necessidade de normalização surda — vista por meio de fotografias que marcavam a presença das próteses auditivas, de apresentações

de surdos, oralizando e dançando, etc. — ficou evidente não só nas décadas marcadas pelo oralismo (Filosofia de Educação de Surdos), como nas décadas marcadas por discursos culturalistas. Um grupo que vem resistindo às muitas tentativas de normalização e de apagamento de suas diferenças criadas no interior do próprio grupo. Diferenças essas vistas e materializadas (inclusive nas fotografias) pela Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), no olhar surdo, na arte surda, na noção de luta; enfim, diferenças gestadas com o outro surdo.

Discursos da surdez

A presença dos discursos que mencionei se dá de muitas formas; elas aparecem produzindo marcas na arquitetura escolar, nas pedagogias, na organização e na construção curricular. Pelas fotografias, podemos ver surdos diante de uma turma, fazendo provas de leitura oral, podemos ver mulheres surdas sendo coroadas por sua beleza e sendo fotografadas na cozinha, diante de uma máquina de costura e em cursos onde deveriam aprender o que era entendido como “prendas domésticas”. No silêncio das imagens que não trazem o masculino durante a década de 1950, na ausência de imagens daqueles alunos considerados “indisciplinados” e “não-aprendentes”, nas paredes das salas de aula — às vezes, brancas e limpas, outras vezes marcadas por cartazes que mostravam técnicas de oralização e depois com cartazes com mensagens de paz, de tranqüilidade, de luta surda por uma escola de surdos e de sujeitos surdos, sinalizando durante as aulas —, não só foi possível ler que a história não pode ser entendida em uma concepção de linearidade, como foi possível ver que, dependendo dos sujeitos para quem a escola se narra, a ordem dos discursos que estão operando dentro dela se altera.

A luta surda pela língua de sinais marca as fotografias. Ela aparece como forma de resistência surda em diferentes momentos da história, inclusive nos idos

tempos de obrigatoriedade da oralização. Não falo aqui de uma noção de resistência oposicional, mas de uma resistência forjada no próprio movimento de apagamento da diferença e de exaltação da diferença. A história surda se confunde, em muitos momentos — inclusive até o final da década de 1990, quando os discursos culturalistas entraram com força na escola de surdos — com a história da surdez.

IHU On-Line - Quais são os principais obstáculos para a inclusão da pessoa com deficiência?

Maura Corcini Lopes - Talvez fosse mais adequado fazermos essa pergunta para as pessoas que enfrentam muitos obstáculos em seu cotidiano. No entanto, posso dizer, baseada nas pesquisas que venho realizando junto com as professoras Eli Fabris, Mirian Dazzi e Édina Fagundes, que o maior obstáculo para a inclusão é o olhar daqueles que se julgam incluídos e autorizados a dizer quem está do lado de fora. A fronteira que separa normal/anormal é alimentada cotidianamente por muitos saberes que, legitimados no discurso da ciência, definem uma norma criada para que todos nela se enquadrem. Normais e anormais estão na norma, porém nem todos podem ficar no que venho chamando de “zona de normalidade”, pois não teríamos como manter as fronteiras se aqueles que estão, sempre sob suspeita, enquadrados em tal zona, não conseguirem manter a distância necessária do outro que não é, e nem pode ser, o que eu sou. Sem dúvida, esse é um grande obstáculo e dele derivam práticas excludentes vistas ao longo da história da sociedade e em diferentes espaços de ação de uns sobre a ação de outros.

IHU On-Line - Como são as experiências vividas pela pessoa com deficiência a partir do olhar do outro?

Maura Corcini Lopes – As experiências vividas e sentidas com certeza não podem ser traduzidas e nem, simplesmente, narradas para outros. A palavra será sempre insuficiente para trazer e externar a experiência. Aquilo que vemos e significamos é produto das condições históricas, políticas, econômicas, enfim, culturais em que estamos mergulhados. As palavras e as expressões que comumente são lidas, escutadas e vistas (no caso dos surdos), enunciam experiências de dor, de sofrimento, de carência, de incapacidade e de anormalidade. O corpo marcado pela deficiência vem sendo reduzido à deficiência. As próprias discussões que fizemos hoje sobre a inclusão têm nos remetido a essas leituras reducionistas da experiência e dos próprios sujeitos. A não-distinção/dissociação entre diferença e diversidade dificulta a compreensão da experiência para além do visível e do marcado no corpo. A diferença, quando reduzida à diversidade, nos conduz a olharmos para o outro, lendo as suas experiências reduzidas às dificuldades físicas, sensoriais e cognitivas.

***IHU On-Line* – Como são as atitudes do professor ouvinte de uma classe regular ante um aluno surdo?**

Maura Corcini Lopes – As mais diversas possíveis, dependendo das condições que ele tem para realizar seu trabalho. As representações e os comportamentos de um professor ouvinte, que desconhece a discussão sobre a diferença surda, que não vê o surdo como um sujeito que integra um grupo que possui características comuns, que desconhece a língua de sinais e que não possui um intérprete em suas aulas, é de transtorno, angústia e insatisfação consigo mesmo. Estar diante de alguém com quem nos sentimos incapazes de comunicar-nos é horrível e é negativo no desenvolvimento de processos

pedagógicos. Em contrapartida, as representações e os comportamentos de professores ouvintes que buscam saber sobre seus alunos, que buscam conhecer a comunidade e entender a diferença surda, que contam com um intérprete de Língua de Sinais em todos os momentos de sua relação com o aluno, é completamente outra. Nem vou mencionar aqui a situação de um professor ouvinte que conhece a comunidade surda, que milita com essa causa e domina a Língua de Sinais. Portanto, não há como dizer, de forma tão genérica, como são as atitudes dos professores ouvintes diante de alunos surdos, pois são muitas as variáveis que devem ser consideradas.

***IHU On-Line* – Quais são os progressos recentes na inclusão da pessoa com deficiência nas escolas?**

Maura Corcini Lopes – Para responder a essa pergunta, eu poderia mencionar muitos “progressos”, ou melhor, conquistas. Um exemplo é o próprio movimento de inclusão escolar. Embora ainda estejamos distantes da concretização de uma inclusão não tão excludente, trazer as pessoas com deficiência que podem se beneficiar do espaço escolar comum já é uma conquista. A presença delas nas escolas tem gerado um movimento de resistência entre os professores que tem sido muito interessante. Verdades cristalizadas sobre a aprendizagem, sobre metodologias milagrosas e sobre a grande invenção da modernidade de que a escola foi “criada para todos” estão sendo colocadas sob suspeita. Uma outra conquista que poderia mencionar é a própria inclusão de disciplinas específicas como, por exemplo, a de Língua Brasileira de Sinais e Cultura Surda nos currículos dos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia.

Bento XVI e Hans Küng

”Há um ano Joseph Ratzinger exerce sua função como Papa Bento XVI. A partir do Dia Mundial da Juventude, em agosto de 2005, e da publicação de sua primeira encíclica, Deus caritas est, em fevereiro de 2006, delineiam-se contornos claros do perfil desse pontificado. Razão suficiente para refletir sobre os desdobramentos que ele possa ter”, escreve o teólogo alemão Karl-Joseph Kuschel no artigo Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo, publicado nos Cadernos Teologia Pública, n. 21, que acaba de ser lançado pelo Instituto Humanitas Unisinos- IHU.

Para esta reflexão, o teólogo da Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen, toma como ponto de partida o ”evento” do encontro de Bento XVI com Hans Küng, em Castel Gandolfo, no sábado, dia 24 de setembro de 2005. Para o autor, que também é vice-presidente da Fundação Weltethos, fundada por Hans Küng, esse ”evento”, pode ”esclarecer traços fundamentais do pensamento de Joseph Ratzinger, traços significativos o bastante para oferecer possíveis perspectivas quanto ao futuro do seu pontificado”.

Os Cadernos Teologia Pública podem ser adquiridos na Tabacaria Central e na Livraria Cultural, no câmpus da Unisinos e pelo e-mail humanitas@unisinos.br

As espiritualidades das religiões cristãs

No próximo dia 14 de junho de 2006, quarta-feira, acontecerá na Unisinos o evento **Estudando as Religiões: Espiritualidades das Religiões Cristãs: Anglicana Episcopal do Brasil, Católica Apostólica Romana, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Assembléia de Deus do Vale do Rio dos Sinos**. A atividade se realizará das 19h30min às 22h, na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos (IHU)

O evento é gratuito, porém necessita de matrícula. Ele pretende possibilitar ao meio acadêmico e à comunidade em geral, uma formação dialogada sobre novas interrogações e perspectivas relacionadas à espiritualidades hoje presentes em nosso cotidiano. Além disso, quer possibilitar um diálogo que possa ampliar o horizonte com novas perspectivas e idéias na visão transdisciplinar a partir do diálogo inter-religioso. O evento também tem como objetivo ampliar na Unisinos o espaço de diálogo já existente apresentando alguns tópicos sobre a espiritualidade nas diversas religiões que assumem juntas a responsabilidade ética e de respeito ao diferente. O diálogo inter-religioso tem a grande responsabilidade de assumir um papel importante na mediação e construção de uma espiritualidade que contemple a vida dos povos no momento presente.

Na programação, o Pe. José Ivo Follmann, SJ falará sobre a Igreja Católica Apostólica Romana; a pastora Cleide Olsson Schneider, sobre a Igreja Evangélica de confissão Luterana no Brasil (IECLB); o Rev. Jessé Castro Ramos, sobre a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB); o Ev. Claudiano Pereira, sobre a Igreja Evangélica Assembléia de Deus do Vale do Rio dos Sinos.

As inscrições podem ser realizadas pelo site www.unisinos.br/extensao, ou pessoalmente, no *campus*, no setor de Admissão e Matrícula.

O evento, coordenado pelo Rev. Jessé Castro Ramos, é uma promoção da Unisinos, por meio da Diretoria de Ação Social e Filantropia, do Programa Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo (GDIREC) e do Grupo Inter-Religioso de Diálogo.

Mais informações podem ser obtidas pela Linha direta Unisinos, no fone/fax: (51) 3591-1122 ou no site www.unisinos.br/eventos

As aventuras da Mercadoria

Lançamento de livro de Anselm Jappe e exibição de filme *A sociedade do espetáculo*

Na próxima quarta-feira, 14 de junho, das 17h15min às 18h45min, na Sala 1G119 do IHU, você confere um evento que vale por dois. Trata-se da exibição do filme *A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord, e o lançamento do livro *As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor*, de Anselm Jappe. Estará presente Jorge Paiva, ensaísta e integrante do Instituto Filosofia da Práxis e Crítica Radical. A entrada é franca e toda comunidade acadêmica está convidada a participar. Publicamos, a seguir, um artigo escrito por Anselm Jappe para a presente edição da *IHU On-Line* sobre as idéias centrais do livro que está sendo lançado em português. Jappe participou da edição 98 da *IHU On-Line*, de 26 de abril de 2004, com o artigo *Pensar outras formas de produção e consumo*. É autor, entre outros, de *Guy Debord*. Petrópolis: Vozes, 1999.

As Aventuras da Mercadoria

Por Anselm Jappe

Le aventure della merce, As aventuras da mercadoria quer ser, sobretudo um livro introdutório, um texto didático. Desde o início dos anos noventa, a “crítica do valor” saiu do estreito círculo dos iniciados para atingir um público mais amplo, sobretudo graças aos livros de Robert Kurz¹⁶. Isso vale

particularmente para o Brasil. Mas, faltava um texto que reassumisse os temas essenciais da crítica do valor. Procurei, por isso, escrever um livro que não pressupõe nenhum conhecimento prévio do leitor, nem uma adesão sua a alguma idéia. Começando com a análise das relações mais elementares, que intercorrem entre aqueles que vivem numa sociedade na qual a satisfação das necessidades toma a forma de uma troca de mercadorias, conduzi, depois, lentamente a análise a níveis mais complexos. Se o leitor admitir os resultados, muito evidentes, das análises

¹⁶ **Robert Kurz:** sociólogo e ensaísta alemão, foi co-fundador e redator da revista teórica *Krisis - Beiträge zur Kritik der Warengesellschaft* (*Krisis - Contribuições para a Crítica da Sociedade da Mercadoria*). A área dos seus trabalhos abrange a teoria da crise e da modernização, a análise crítica do sistema mundial capitalista, a crítica do Iluminismo e a relação entre cultura e economia. É autor de *O Colapso da Modernização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993 e *Os Últimos Combates*. Petrópolis: Vozes, 1998. A *IHU On-Line* entrevistou Kurz na 98ª edição, de 26 de abril de 2004, sob o título *A globalização deve se adaptar às necessidades das pessoas, e não o contrário*. Dele publicamos, ainda, um artigo intitulado *O declínio da classe média*, originalmente veiculado na *Folha*

de São Paulo, em 19 de setembro de 2004 e outro artigo na edição 26, de 15 de julho de 2002. Na edição 161, de 24 de outubro de 2005, Kurz concedeu a entrevista *Novas relações sociais não podem ser criadas por novas tecnologias*. (Nota da *IHU On-Line*)

de base – que se referem à troca de poucas mercadorias –, deve depois, conseqüentemente, reconhecer também a verdade de tudo o que segue.

A contribuição de Marx para a crítica do valor

O melhor modo de seguir esta análise ainda parecia ser aquele de Marx. É por este motivo que, nas *Aventuras*, se empregam tantas citações de Marx – e não para fazer uma filologia marxiana. Marx contribuiu mais do que qualquer outro autor dos últimos 150 anos para nosso conhecimento da sociedade moderna. Ninguém o fez melhor do que ele, e após um breve eclipse, agora também muitos inimigos seus se inclinam novamente diante dele, como já disse Engels em seu tempo. Todavia, não é mediante uma “correta interpretação” dos seus escritos que se compreende a sociedade de hoje, mas utilizando os seus conceitos de base num contexto profundamente mudado. A “crítica do valor” não é uma enésima corrente marxista. De fato, ela individua o núcleo das idéias de Marx em sua análise crítica dos mecanismos de base da sociedade moderna: mercadoria e valor, dinheiro e trabalho abstrato. Com este Marx “esotérico”, porém, hoje mais atual do que nunca, existiu também o Marx “exotérico”, aquele que analisou uma fase histórica particular da sociedade do mercado, no qual a luta de classes desempenhou um papel central e na qual ainda era possível criticar o “capitalismo realmente existente” em nome do seu próximo estágio de desenvolvimento, ainda por vir. Este tipo de marxismo desempenhou um papel central – sob a forma de “movimento operário”, de partidos e sindicatos e Estados “operários” inteiros – no desenvolvimento do capitalismo do século XX. Com este marxismo, a crítica social radical de hoje não pode ter uma relação de continuidade, nem mesmo pode absolver o próprio Marx de certos defeitos seus, sobretudo de sua adesão à

ideologia burguesa do “progresso”. Mas, aquela parte da sua obra, na qual Marx critica, explícita ou implicitamente, a própria existência de mercadoria e dinheiro, de valor e trabalho, de Estado e nação, e não só sua distribuição ou gestão, permanece como núcleo de toda crítica social radical. Todas as críticas sociais de hoje, que não atribuem um papel central a esta crítica da mercadoria e do trabalho que a produz, logo revelam suas insuficiências. As *Aventuras* querem, pois, ser fiéis ao espírito de Marx, mas sem preocupar-se com nenhuma “ortodoxia”. Provavelmente esta é a única fidelidade possível.

Um livro sem receitas

As *Aventuras* se inscrevem, portanto, numa perspectiva precisa, aquela da crítica impiedosa da sociedade capitalista e de quase todas as suas presumidas oposições. Ao mesmo tempo, tem a característica de não ser um livro “militante”. Os leitores que exprimem o seu descontentamento pela falta de “perspectivas práticas” ou de “soluções” no livro, esquecem que a crítica não pode cumprir sua tarefa, se for submetida à injunção de indicar a qualquer preço receitas para o aqui e agora. Sair da sociedade da mercadoria, ou, para dizê-lo melhor, não terminar soterrados pelos destroços de sua ruína incipiente, não será fácil. O dinheiro e o trabalho abstrato não serão abolidos no próximo ano. Mas, deve continuar sendo possível, pelo menos pensar tal perspectiva. Se, em vez disso, aquelas idéias que não podem encontrar uma realização imediata – que não são bastante “realistas” – já não devem mais nem mesmo ser pensadas ou expressas, então o pensamento crítico reduzir-se-á a propostas pragmáticas para a gestão do presente, como ocorre na maior parte do movimento “altermundista”. Exigir da teoria uma validade prática imediata equivale, na verdade, a uma sabotagem dela, mesmo se involuntária. *As Aventuras* enfrentam o destino da

modernidade capitalista mais de longe: procuram demonstrar que as supramencionadas categorias de base, que hoje aparecem como tão evidentes que parecem fazer parte de toda possível vida humana “civilizada”, e não terem alternativa, são uma exceção na história da humanidade, sendo, ademais, extremamente danosas e nada necessárias. O livro insiste, além disso, no fato de que esta excepcionalidade das categorias capitalistas foi reconhecida não só por Marx, mas também – pelo menos em parte – por autores que partiam de pressupostos um tanto diversos.

A crítica do fetichismo

O ceticismo ante a tradicional perspectiva “militante”, com sua busca de um “sujeito revolucionário” (ou emancipatório) já constituído, é uma conseqüência da centralidade da categoria de “fetichismo” para a crítica do valor. A crítica do fetichismo da mercadoria e, mais em geral, a concepção da história como uma história de relações fetichistas, significa não conceber as relações sociais somente como relações de dominação de uma parte da população sobre a outra, mas também como dominação de estruturas impessoais sobre a sociedade inteira. Esta perspectiva não absolve os agentes da dominação de suas culpas, mas impede ver a sociedade dividida em opressores e oprimidos que, por definição, são “bons” e portadores de um projeto

emancipatório. O valor não é somente uma estrutura econômica, mas também uma estrutura sociopsicológica, que se expressa na concorrência, no egoísmo, no atomismo social e na indiferença gélida para com o mundo, com os outros homens e, enfim, também consigo mesmos. Hoje, uma superação da estrutura fetichista da sociedade não pode ser concebida simplesmente como a vitória de um grupo socioeconômico sobre outro, mas deve consistir também numa profunda revisão das estruturas psíquicas individuais e coletivas, que se desenvolveram na sociedade do trabalho, da mercadoria e do valor.

A discussão sobre o conceito moderno de sujeito

Trata-se, pois, de pôr em discussão o próprio conceito moderno de sujeito. A relação que este sujeito instaura com o mundo, que vem sendo privado de toda sua qualidade e reduzido a mera matéria, parece, com efeito, uma continuação da metafísica tradicional com outros meios: divide-se sempre o mundo num reino do verdadeiro (o valor, as abstrações) e um reino do não-essencial (que, na sociedade moderna, é paradoxalmente constituído precisamente pelo mundo concreto, sobre o qual se exercita a ditadura da forma vazia). O Iluminismo tinha prometido substituir a razão às religiões e à metafísica: mas somente transformou o valor numa nova religião, como já compreendera Marx.

Martha Dreyer de Andrade Silva

Natural de Santa Cruz do Sul, a professora do curso de Letras, da Área de Prática de Ensino da Unisinos, Martha Dreyer de Andrade Silva, encontrou as raízes de sua profissão no jogo de infância que estimulava sua imaginação. Nesta entrevista para a *IHU On-Line*, Martha falou da sua paixão pelo trabalho, pela leitura e pela literatura e de suas lembranças da infância quando costumava brincar com o irmão e uma amiga, inventando situações e imaginando um outro mundo.

Martha é mestre pela Ufrgs em Literatura Brasileira e também trabalha na Coordenação do vestibular da Unisinos.

Natural de Santa Cruz do Sul, a professora do curso de Letras, da Área de Prática de Ensino da Unisinos, Martha Dreyer de Andrade Silva, encontrou as raízes de sua profissão no jogo de infância que estimulava sua imaginação. Nesta entrevista para a *IHU On-Line*, Martha falou da sua paixão pelo trabalho, pela leitura e pela literatura e de suas lembranças da infância quando costumava brincar com o irmão e uma amiga, inventando situações e imaginando um outro mundo.

Martha é mestre pela UFRGS em Literatura Brasileira e também trabalha na Coordenação do vestibular da Unisinos.

Ano novo - Nasci em 1969, no dia 1º de janeiro, em Santa Cruz do Sul. Minha mãe é natural de Santa Cruz do Sul, e meu pai é do Rio de Janeiro. Passei minha infância e minha adolescência em Santa Cruz. Fiz faculdade lá. Como meu pai era militar, mudamos para outras cidades. Em 1978, fomos morar em Brasília, mas a experiência na capital do País não foi nada boa, como acontecia com muitas coisas nos anos 1970. Então o pai deixou o quartel, e nós voltamos para o Rio Grande do Sul, direto para Santa Cruz do Sul.

Família - Meu pai não é mais militar, pediu baixa do exército e foi trabalhar em uma indústria fumageira, em Santa Cruz. Minha mãe é professora formada em Pedagogia; até hoje, ela dá aula para a 4ª série. Tenho três irmãos, todos homens. Um é casado e tem um filho: meu sobrinho Eduardo tem 8 meses e é a minha paixão.

Infância - O que eu lembro bem da minha infância é que nós - eu, meu irmão e uma amiga, a Cláudia, que é minha amigona até hoje - brincávamos juntos na casa da minha avó. E o quintal da casa dela se transformava em um outro mundo, inventávamos as brincadeiras e nunca brincávamos daquelas “que já existiam”, sempre inventávamos alguma nova. Então criávamos casas, ambientes no meio de árvores; havia um pátio com cascalho, uma casinha em cima da árvore e tanta outra coisa. Era

muito bom brincar lá. E essa imaginação toda que desenvolvemos, acho que se refletiu muito no gosto que tenho pela leitura e pela literatura, eu sempre gostei muito de ler. Quando escolhi a faculdade, sabia logo o que queria por causa da leitura, da literatura.

Leitura - O primeiro livro que ganhei se chamava *A Bela Adormecida do Bosque e Outras Histórias*, outros contos, algo assim. Eram histórias de fadas, mas na versão original. As versões originais dos contos são bem diferentes das adaptações. Eu ficava meio assustada com aquelas histórias, porque não terminava com o beijo do príncipe, ia adiante..." Aquilo me fascinou. O autor é Charles Perrault, um autor francês do século XVII. Lembro também que minha mãe nos deu a coleção do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, e eu gostava muito de ler aquelas histórias. Havia ainda a biblioteca da escola; eu gostava muito de ir lá. Sempre me envolvi com a leitura, com narração de histórias. Como minha mãe e meu pai trabalhavam, passávamos muito tempo com a minha avó, e ela gostava muito de contar histórias.

Adolescência - Eu lembro muito das aulas do Ensino Médio. Havia aula de literatura e eu, por incrível que pareça, não gostava, porque apenas líamos o livro didático, teoria e história da literatura, característica de obra, característica de autor e só. Mas continuava freqüentando a biblioteca e escolhendo livros que me interessavam. Assim fui descobrindo vários autores, vários livros que me chamavam a atenção e me causavam mais prazer do que aquilo que líamos nas aulas de literatura. Descobri os clássicos da literatura, como *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, os romances policiais da Agatha Christie – esses últimos passavam de mão em mão na sala de aula. Ainda nessa fase fiz 8 anos de balé clássico.

Trajetória - Entrei para a faculdade com 17 anos. Fiz aniversário em janeiro e, naquele mesmo mês, fiz vestibular e passei. Naquele ano, 1986, comecei a trabalhar também na Faculdade, como secretária do Departamento de Letras. Depois, com 18, fui trabalhar na Prefeitura de Santa Cruz do Sul, na Secretaria de Educação, e passei a ter mais contato com professores, principalmente de língua portuguesa. Eu trabalhava durante o dia e estudava à noite. Com 19 anos, comecei a dar aula numa escola, no interior de Santa Cruz do Sul. Era muito engraçado, porque a comunidade de lá falava português e alemão, e fui dar aula de inglês para aquelas crianças. Pensava que aquilo era um absurdo, aulas de inglês, algo tão distante do universo deles! Mas, eram crianças com muita curiosidade. Tinham sido questionados: se queriam ter aula de alemão ou inglês e disseram que alemão já sabiam, preferiam uma língua diferente. Essa acabou sendo uma das melhores experiências da minha vida. No ano em que me formei, em 1990, quando eu tinha 21 anos, comecei a dar aula de língua portuguesa numa escola particular, em Santa Cruz. Formei-me e fiz mestrado, na UFRGS, na área de literatura brasileira. Tempos depois, tive vontade de sair de Santa Cruz do Sul, mudar de emprego, de ares, não estava me sentindo feliz, por vários motivos. Em 1998, ingressei na Unisinos e, desde então, estou aqui, trabalhando no curso de Letras e na coordenação do vestibular. Atualmente, moro sozinha em Porto Alegre. Não sou casada, não quero casar, não sei se quero ter filhos. Mas pode ser que um dia eu pense diferente, pode ser que eu adote uma criança...

Hobby - Gosto de ler assuntos que não tenham a ver com meu trabalho diretamente, livro que não tenha a ver com a disciplina de literatura, com o que esteja trabalhando. Faço ioga, fazia ginástica, musculação, mas não tenho perseverança para seguir. Sou muito indisciplinada para isso. Caminhar e correr, eu acho uma beleza, mas não tenho paciência.

Livro - Se eu tivesse que escolher três livros para levar para uma ilha deserta, eu levaria o livro de crônicas da Clarice Lispector, *A Descoberta do Mundo*. Se eu fosse hoje para essa ilha deserta, levaria também o livro de crônicas *A Pátria em Chuteiras*, do Nelson Rodrigues, que tem a ver com futebol, para não ficar tão perdida quanto ao que está acontecendo. E levaria um de poesia do Drummond ou da Cecília Meireles.

Autor - Eu fiz minha dissertação de mestrado sobre os livros de um autor gaúcho, Antônio Carlos Resende. Ele escreve sobre relacionamento amoroso, homem e mulher. Continuo gostando dos livros dele, mas, atualmente, talvez por influência do momento, do tanto que se tem falado em Guimarães Rosa, é esse o autor que tem me chamado a atenção. Ele é maravilhoso. Reli há pouco o livro *Primeiras Histórias*.

Filme - *Nunca te vi sempre te amei*, do David Hugh Jones. É com a Anne Bancroft e o Anthony Hopkins. É a história de uma escritora norte-americana e de um livreiro londrino, que tem início na época da Segunda Guerra. Ela escreve para ele, para pedir livros, e ele manda os livros da Europa. Eles se correspondem por quase toda a vida: sobre a guerra e sobre... Mas eles nunca se conhecem. É um amor platônico, mas muito forte. É um filme que eu sempre revejo. Sempre que posso pego em uma locadora, quando passa na TV olho, nem que seja só um pouquinho.

Música - Gosto das composições do Tchaikovsky, dos balés *O Lago dos Cisnes*, *A Bela Adormecida*, o *Quebra Nozes* - este eu acho lindíssimo. Mas, às vezes, a trilha sonora da minha vida é simplesmente aquela música da Luka, *Tô nem aí*. Eu acho que é assim, "dane-se, seja o que Deus quiser". Eu quero fazer as coisas de um jeito interessante agora, e aconteça o que acontecer, que eu "não tô nem aí".

Filosofia de vida - Eu costumo dizer que precisamos viver bem. Já passei por alguns problemas sérios de ordem pessoal e mesmo profissional, mas é preciso superar isso. Temos que viver bem o momento. Talvez minha filosofia seja bem esta: de fazer do momento presente um momento agradável de vida.

Alguém especial - Minha mãe é uma grande companheira.

Dia perfeito - Não acredito muito que exista o dia perfeito, o trabalho perfeito, o amor perfeito. Eu vivo sem muito idealismo em relação a isso. Acredito no que estou fazendo no momento, no que eu estou vivendo, e é nisso que coloco minha energia.

Unisinos - Eu gosto muito de trabalhar aqui. O contato que tenho com os alunos, é muito bom. Penso que dou "conta do recado", pelo menos me esforço para isso. Tenho um grupo de grandes amigos aqui dentro. É um ambiente que me propicia o desenvolvimento de muito do que aprendi, principalmente em relação às aulas, na parte de metodologia e prática de ensino. Na coordenação do vestibular, atuo principalmente na avaliação das provas, em especial, de redação. A Unisinos é o lugar onde faço aquilo que gosto de fazer e onde eu tenho amigos.

Instituto Humanitas Unisinos - Conheço às professoras Mardilê Fabre e Rosa Bavaresco que trabalham no IHU. Gosto muito do trabalho que vocês desenvolvem. Quando eu posso, trago as turmas para participarem de palestras e de outros eventos que o IHU organiza. O trabalho de difusão de cultura que vocês fazem é bom.

Errata

1.- “*Le spectre du colonialisme, l’actualité du néocolonialisme postcolonial* (O espectro do colonialismo, a atualidade do neocolonialismo pós-colonial) é o título do longo artigo de Saad Chakali, comentando o filme *Caché*, de Michael Hanecke, publicado no sítio www.cadrage.net/films/cache.htm. Vale a pena conferir!”

Equivocadamente esta informação publicada na edição nº 183, da *IHU On-Line*, em 5 de junho de 2006, saiu como se pertencesse ao artigo de Hélio Nascimento. Ela, no entanto, é da *IHU On-Line*.

2.- A grafia correta do título do *Filme da Semana* comntado na edição nº 183 da *IHU On-Line*, em 5 de junho de 2006, é **Caché**, e não Cachê.

